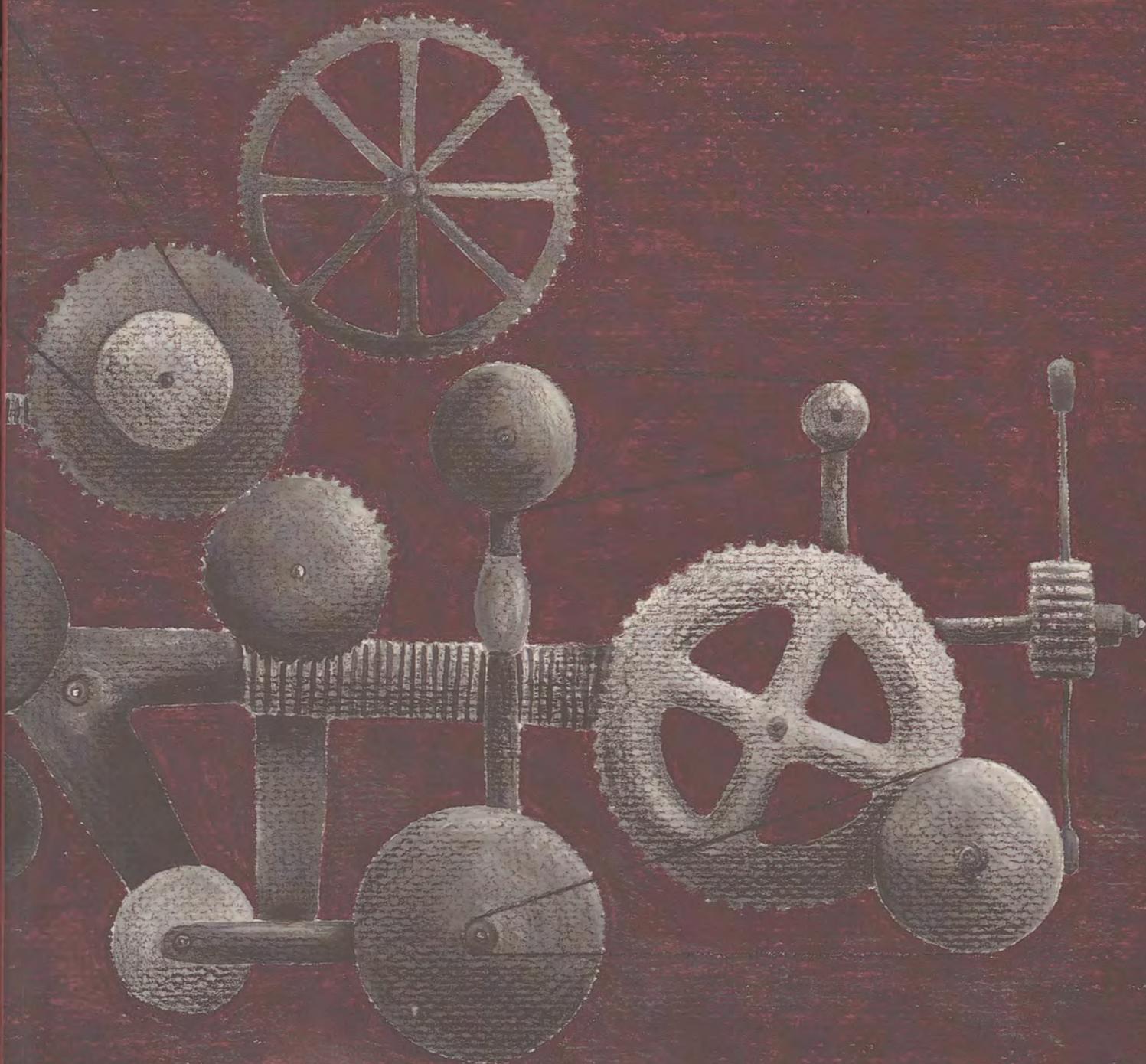


**A DESCOBERTA
DE
ARISTÓTELES MAIA**

MATTHEW LIPMAN



Matthew Lipman

A DESCOBERTA DE ARISTÓTELES MAIA

Lisboa

1994



Sociedade
Portuguesa
de Filosofia

A DESCOBERTA DE ARISTÓTELES MAIA

Projecto: Filosofia para Crianças
Coordenadora: Zaza Carneiro de Moura

© 1982, Matthew Lipman. Edição revista 1985

Título original

Harry Stottlemeier's Discovery

Tradução e adaptação de

Maria Luísa Guia Abreu

Revisão de

Maria José Teixeira

e

Zaza Carneiro de Moura

Edição

© Sociedade Portuguesa de Filosofia

© Centro Português de Filosofia para Crianças

Av. da República, 37-4º

1000 Lisboa

Edições Colibri

Faculdade de Letras

Alameda da Universidade

1699 Lisboa Codex

Capa de

Paula Elisabete

Tradução com o apoio da

Fundação Calouste Gulbenkian

Impressão e encadernação

Colibri — Sociedade de Artes Gráficas, Lda.

Impresso em papel reciclado

Depósito legal n.º 74 124/94

NOTA PRÉVIA

Com a versão original de **A Descoberta de Aristóteles Maia** (Harry Stottlemeier's Discovery) publicada em 1974, Matthew Lipman dava início ao Movimento da Filosofia para Crianças colocando nas mãos dos professores, e também dos jovens entre os 9 e os 12 anos de idade, um texto que lhes permite *fazer* filosofia numa sala de aula transformada numa "comunidade de investigação".

Para além de ser historicamente o primeiro texto criado com o objectivo de possibilitar a introdução da Filosofia no ensino elementar, é ainda fundamental na formação de professores de Filosofia para Crianças. Esta história filosófica, constituindo com o respectivo manual do professor o programa "Competências Básicas de Raciocínio", permite desenvolver graças ao recurso à Lógica Formal e Informal, os instrumentos conceptuais básicos necessários para desenvolver o *pensamento crítico*. Se bem que aí a tónica seja posta na descoberta que os personagens fazem em comum dos vários tipos de raciocínio correcto, aplicados a questões ligadas à epistemologia, ética, estética, política, religião, etc, o desenvolvimento do *pensamento criativo* é indissociável de todo este processo que estimula as crianças e jovens a aprender a pensar bem e a pensar por si mesmos. Dada a sua natureza narrativa, este texto em que predomina a forma de discurso argumentativo não doutrinário em alternância com o discurso interior, exemplifica estas duas vertentes — a da racionalidade e a da criatividade — cuja fusão constitui o pensamento de ordem superior.

Após a leitura do texto — episódio a episódio — a discussão a partir das perguntas levantadas pelos alunos permite ainda a exploração e a construção de conceitos, tais como os de descoberta e invenção, verdade, liberdade, bem, real, realidade, mente, cultura, educação, sentimento, mágoa, etc., colocando os intervenientes perante uma das singularidades desta abordagem da filosofia, já que "a criança tem muito para nos ensinar e um adulto pode aprender tanto com uma criança, quanto esta pode aprender com ele".

Desde 1988 que o **Centro Português de Filosofia para Crianças**, criado no âmbito da Sociedade Portuguesa de Filosofia -ambas instituições sem fins lucrativos — e com o apoio pedagógico do Institute for the Advancement of Philosophy for Children, tem vindo a implementar, primeiro nas escolas do ensino básico da rede

pública e privada e mais recentemente na fase pré-escolar, os vários programas e metodologia da Filosofia para Crianças.

Com a introdução da disciplina da filosofia reestruturada para uso das crianças e jovens nos primeiros anos de escolaridade e no pré-escolar, pretende-se que os estudantes ao **fazerem** filosofia desenvolvam simultaneamente o pensamento de ordem superior, isto é crítico e criativo, e que interiorizem procedimentos que possam favorecer a sua melhor integração social. No entanto, se os materiais curriculares da FpC são um excelente auxiliar para que se atinjam estes objectivos, nomeadamente através do exercício de múltiplas competências de pensamento, eles por si só não bastam para o conseguir: necessário se torna que os agentes educativos possam adquirir a prática necessária na condução de um diálogo filosófico e que descubram, ou reforcem as virtualidades de uma relação pedagógica em que ambos, professores e alunos, estão envolvidos num genuíno processo de descoberta e reflexão em comum.

A *Filosofia para Crianças* insere-se perfeitamente nos objectivos e princípios definidos pela actual Lei de Bases do Sistema Educativo tendo o seu mérito e interesse sido reconhecido em 1989 pelo respectivo Ministério. Com efeito, promover o "... desenvolvimento do espírito democrático e pluralista, respeitador dos outros e das suas ideias, aberto ao diálogo e à livre troca de opiniões, formando cidadãos capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva" (art.2-5) é algo, que o programa criado originalmente por Matthew Lipman tem vindo a proporcionar a crianças e jovens de todas as partes do mundo nestas duas últimas décadas.

Uma das atribuições e preocupações do Centro Português de Filosofia para Crianças tem sido a de difundir com qualidade e integridade esta abordagem da filosofia nos níveis pré-escolar, básico e secundário. Assim, no âmbito do seu "Projecto Filosofia para Crianças", para além da tradução e adaptação e inovação dos materiais curriculares, tem vindo a contribuir para a formação contínua dos docentes de todos os graus de ensino, de acordo com a metodologia específica da "comunidade de investigação", proporcionando-lhes também a possibilidade de concretizarem na sala de aula a aplicação de um dos programas da FpC.

Através da *Revista dos Centros de Filosofia para Niños y Crianças -Aprender a Pensar*, tem vindo ainda a veicular aspectos teóricos e pedagógicos ligados à didáctica e investigação em filosofia.

CAPÍTULO 1

Se o Ari não tivesse adormecido na aula de Ciências naquele dia, provavelmente nada daquilo teria acontecido. Bem, ele não tinha propriamente adormecido, o seu pensamento é que andava a vaguear.

O professor tinha estado a falar sobre o sistema solar e a explicar que os
5 planetas giravam à volta do Sol, mas a certa altura o Ari deixou de o ouvir. Surgiu-lhe a imagem do Sol, enorme e flamejante, com os planetas todos a girar à sua volta.

De repente, o Ari percebeu que o professor estava a olhar na sua direcção e fez um esforço para afastar aquela imagem de modo a conseguir prestar
10 atenção à pergunta:

— O que é que tem uma cauda comprida e gira à volta do Sol uma vez de
77 em 77 anos?

Ari percebeu que não fazia a mínima ideia da resposta que o professor queria. Uma cauda comprida? Por instantes pensou dizer "uma estrela ursa"
15 (tinha acabado de ler na enciclopédia que a Estrela Polar pertencia à Ursa Menor), mas teve medo que o professor não achasse muita graça àquela resposta.

O professor Bragança não tinha muito sentido de humor, mas era extremamente paciente e o Ari sabia que ainda tinha uns segundos, o tempo suficiente para inventar uma resposta. Lembrou-se do que o professor tinha dito:
20 "Todos os planetas giram à volta do Sol". Ora esta coisa com cauda, o que

quer que fosse, também girava à volta do Sol. Seria um planeta? Valia a pena tentar.

— Um planeta? — arriscou ele a medo.

Com o que ele não contava era com a gargalhada geral, que o apanhou de
5 surpresa. Se tivesse estado com atenção, teria ouvido o professor dizer que
aquele objecto era o cometa Halley e que, tal como os planetas, os cometas
giram à volta do Sol, mas *não* são planetas. Foi uma sorte a campainha tocar
naquele momento e aquela ser a última aula do dia.

No caminho de regresso a casa Ari ainda estava aborrecido por não ter
10 sido capaz de responder ao professor quando este o tinha chamado. Mas, além
disso, também estava intrigado. Como é que ele se tinha enganado? Tentou
reconstituir o raciocínio que tinha feito na aula para descobrir a resposta.
"Todos os planetas giram à volta do Sol", tinha dito claramente o professor, e
essa coisa com cauda também gira à volta do Sol, só que *não é* um planeta.
15 "Portanto, há coisas que giram à volta do Sol que não são planetas", disse o
Ari para consigo. "Todos os planetas giram à volta do Sol, mas nem tudo o que
gira à volta do Sol é um planeta".

Então teve uma ideia: Uma frase não pode ser invertida. Se pusermos a
última parte duma frase no princípio, ela deixa de ser verdadeira. Por exemplo,
20 a frase "Todos os carvalhos são árvores". Se a virarmos ao contrário fica
"Todas as árvores são carvalhos", o que é falso. O mesmo acontece com a
frase "Todos os planetas giram à volta do Sol". Se a virarmos ao contrário e
dissermos "Todas as coisas que giram à volta do Sol são planetas", ela deixa
de ser verdadeira, torna-se falsa".

25 A ideia entusiasmou-o tanto que decidiu experimentar com mais alguns
exemplos.

Primeiro pensou na frase: "Todos os aviõezinhos são brinquedos". A frase

é verdadeira, disse para consigo. Agora vou virá-la ao contrário: "Todos os brinquedos são aviõezinhos" Depois de invertida, a frase era falsa. Ari estava radiante!

5 Tentou ainda com outra frase: "Todos os pepinos são vegetais" (Ari gostava imenso de pepino). Mas daí não podia concluir a inversa: "Todos os vegetais são pepinos". Claro que não!

Ari estava entusiasmado com a sua descoberta. Se ele se tivesse lembrado disso naquela tarde, talvez tivesse evitado passar por aquela vergonha.

10 Nesse momento viu a Lisa. Eram da mesma turma e parecera-lhe que ela tinha sido uma das pessoas que não se tinham rido dele. Por isso, pensou que se lhe contasse o que tinha descoberto, ela seria capaz de compreender.

— Lisa, acabei de descobrir uma coisa espantosa — disse o Ari muito alto.

Lisa sorriu e ficou à espera.

15 — Quando tu viras as frases ao contrário, elas deixam de ser verdadeiras! — disse o Ari.

Lisa torceu o nariz e perguntou:

— E o que é que isso tem de espantoso?

20 — Então olha — disse o Ari — dá-me uma frase, uma frase qualquer, e eu já te mostro.

— Mas que espécie de frase? — perguntou a Lisa, que não estava a perceber. — Não sou capaz de pensar numa frase assim de repente.

— Uma frase com duas espécies de coisas, por exemplo cães e gatos, gelados e comida ou astronautas e pessoas.

25 Lisa ficou a pensar, enquanto o Ari esperava impaciente. Quando já ia para dizer qualquer coisa, desistiu, abanou a cabeça e continuou a pensar.

— Vá lá, duas coisas, duas coisas quaisquer — implorou Ari.

Finalmente Lisa decidiu-se:

— "Nenhuma águia é um leão"! — exclamou.

Ari atirou-se à frase como o seu gato Mário se teria atirado a um novelo de lã que lhe tivesse caído aos pés. Num instante inverteu a frase:

5 — "Nenhum leão é uma águia".

Mas ficou admirado. A primeira frase "Nenhuma águia é um leão" era verdadeira e continuava verdadeira mesmo depois de invertida, pois "Nenhum leão é uma águia" também era verdadeira.

O Ari não conseguia compreender por que é que não tinha dado resultado.

10 — Há bocadinho resultou ... — começou Ari a dizer em voz alta — mas não acabou a frase.

Lisa ficou a olhar para ele pensativa.

Por que é que ela lhe tinha dado uma frase tão estúpida? O Ari interrogou-se com uma pitada de ressentimento. Mas acabou por reconhecer que, se
15 aquilo que ele tinha descoberto fosse realmente uma regra, ela deveria resultar tanto com frases estúpidas como com frases não estúpidas. Portanto, a culpa não era da Lisa.

Pela segunda vez nesse dia o Ari sentiu que tinha falhado. O seu único consolo foi o facto da Lisa não se ter rido dele.

20 — Julguei mesmo que tinha feito uma descoberta — disse ele. — Estava mesmo convencido disso.

— Mas tu experimentaste? — perguntou Lisa.

Os olhos dela, cinzentos e muito grandes, estavam brilhantes e sérios.

— Claro! Experimentei com as frases "Todos os planetas giram à volta do
25 Sol", "Todos os aviõezinhos são brinquedos" e "Todos os pepinos são vegetais" e descobri que, quando a última parte da frase era posta no início, as frases deixavam de ser verdadeiras.

— Mas a frase que eu te dei não é igual às tuas — observou logo a Lisa.
— As tuas frases começam pela palavra "Todos", enquanto a minha começa pela palavra "Nenhum".

A Lisa tinha razão. Mas seria mesmo por isso que não tinha resultado? Só
5 havia uma coisa a fazer: tentar agora com frases que comessem pela palavra "Nenhum".

— Se é verdade que "Nenhum submarino é um canguru" — começou o Ari — o que podemos dizer de "Nenhum canguru é um submarino"?

— Também é verdade — replicou a Lisa. — E, se "Nenhum mosquito é
10 um rebuçado", então é verdade que "Nenhum rebuçado é um mosquito".

— É isso mesmo! — disse Ari excitadíssimo. — É isso mesmo! Se uma frase verdadeira começa com a palavra "Nenhum", a inversa também é verdadeira, mas se começa com a palavra "Todos", então a inversa é falsa.

Ari estava tão reconhecido à Lisa pela sua ajuda que mal sabia o que dizer.
15 Queria agradecer-lhe, mas acabou por murmurar qualquer coisa e foi a correr para casa.

Entrou direito à cozinha, mas quando lá chegou encontrou a mãe junto do frigorífico a conversar com uma vizinha, a D. Olga. O Ari não quis interromper e por isso ficou à espera, a ouvir a conversa.

20 A D. Olga dizia:

— Deixe-me que lhe diga uma coisa, D. Sofia. Lembra-se da D. Beatriz, aquela que entrou para a Associação de Pais? Olhe que a vejo todos os dias a entrar na cervejaria da esquina. A senhora sabe como eu me preocupo com essa gente infeliz que não consegue parar de beber. É que a vejo todos os dias
25 a entrar na cervejaria e isso tem-me feito pensar se ela não será, sabe ...

— Se ela não é dessas? — perguntou delicadamente a mãe do Ari.

A D. Olga fez que sim com a cabeça e, de repente, alguma coisa na cabeça do Ari fez "CLIQUE!".

— Mas D. Olga — disse ele — só porque, na sua opinião, *todas as pessoas que não conseguem parar de beber são pessoas que frequentam cervejarias*, isso não quer dizer que *todas as pessoas que frequentam cervejarias são pessoas que não conseguem parar de beber*.

— Ari — disse a mãe — isto não é assunto da tua conta e, além disso, estás a interromper.

Mas o Ari percebeu, pela cara da mãe, que ela tinha ficado satisfeita com o que ele tinha dito. Então pegou calmamente no copo de leite e sentou-se a bebê-lo, sentindo-se tão feliz como há muito não se sentia.

CAPÍTULO 2

Na manhã seguinte, a caminho da escola, o Ari viu o Tó quando ia a atravessar a rua.

— Tó! — chamou.

Na aula de Matemática, o Tó era geralmente o primeiro a acabar os exercícios. Ari pensou que ele talvez estivesse interessado naquilo que ele e a Lisa tinham descoberto no dia anterior. Por isso, contou-lhe como tinham chegado à conclusão de que as frases começadas por "Nenhum" se podiam virar ao contrário, mas que não se podiam virar as começadas por "Todos".

— E o que é que isso tem?

10 — O que é que isso tem, o quê? — replicou o Ari.

— Sim — continuou o Tó — não vejo que interesse isso possa ter. De que é que serve saber que certas frases se podem inverter e outras não? Além disso, se pensarmos melhor, quantas frases existem que começam pela palavra "Todos" e pela palavra "Nenhum"? Muito poucas.

15 Dito isto, o Tó seguiu em frente.

O Ari continuou o caminho em passo lento dando pontapés nas pedras. As observações do Tó tinham-no deixado aborrecido. Afinal de contas talvez a sua descoberta não tivesse grande importância.

Naquele dia, a primeira aula que iam ter era a de Matemática. Estavam a dar as fracções. No dia anterior, o professor tinha estado a falar sobre as diferentes maneiras de combinar números, de forma a obter sempre o mesmo resultado. Como de costume, o Tó tinha sido o primeiro a compreender e o Ari tinha-o ouvido, por acaso, explicar ao Tiago:

— É fácil, olha:

Oito mais dois igual a dez.

Cinco mais cinco igual a dez.

Doze menos dois igual a dez.

5 Vinte a dividir por dois igual a dez.

Cinco vezes dois igual a dez.

— Mas eu não sei multiplicar nem dividir — tinha dito o Tiago.

Já impaciente o Tó respondera:

— Mas tu não tens de saber multiplicar nem dividir. Isto é apenas um
10 exemplo. Eu estou só a tentar mostrar-te que existem várias maneiras de obter
o número dez. Eu mostrei-te algumas mas devem existir milhares.

Sentado na sua carteira, Ari relembrava agora a conversa entre o Tó e o
Tiago. Se há tantas maneiras de obter um número, repetiu para consigo, não
poderia haver também várias expressões, todas elas diferentes, que equivaless-
15 sem a uma palavra? Por exemplo, em vez da palavra "pai" podemos dizer
"paizinho" ou "papá". E, de repente, teve uma ideia. As palavras "Todos" e
"Nenhum" não poderiam ser como o número dez que o Tó tinha estado a
explicar ao Tiago? Se assim fosse, então qualquer frase poderia ser
transformada numa frase começada pela palavra "Todos" ou pela palavra
20 "Nenhum". Mas quando tentou arranjar outras frases que pudessem ser
modificadas não conseguiu encontrar nem uma.

Ari continuou sentado com um ar muito pensativo, até que se lembrou que
talvez os outros miúdos da aula o pudessem ajudar. Nessa altura levantou o
braço e, quando o professor o chamou, Ari expôs o problema e perguntou-lhe
25 se dava licença que os colegas o ajudassem. O professor Santos tinha fama de
ser "compincha" e Ari tinha razão quando pensou que ele ia concordar. O pro-
fessor voltou a expor o problema à turma porque o Ari, no seu entusiasmo, não
se tinha explicado lá muito bem.

A primeira sugestão veio do Rodolfo:

— Olhem — disse ele — suponhamos que eu estava a falar dos alunos desta turma. Eu podia dizer, por exemplo, "*Todos* os alunos desta turma são portugueses" mas também podia dizer "*Cada* pessoa desta turma é portuguesa"
5 e estas duas frases significam o mesmo, porque se todos aqui somos portugueses, então cada um de nós é português.

O professor pegou no giz, foi até ao quadro, e com um ar muito sério escreveu ao cimo: "Expressões que significam o mesmo que TODOS" e anotou:

10 1. Cada

A Lisa pôs o braço no ar.

— "*Qualquer*" — disse ela — porque se aqui somos todos portugueses, então qualquer um de nós tem de ser português.

O professor virou-se para o quadro e escreveu:

15 2. Qualquer

Antes da Lisa acabar já o Tó tinha o braço levantado.

— E que tal a palavra "Um"? — perguntou ele. — Quer dizer, se eu disser "Um miúdo que pertença a esta turma é de certeza um português" isso é justamente o mesmo que dizer "Todos os miúdos desta turma são portugueses", não
20 é?

O professor acrescentou à sua lista:

3. Um

— A mim parece-me — disse o professor depois de mais ninguém encontrar outros exemplos — que não tem de ser uma palavra em particular. Tem
25 mais a ver com a maneira como a frase é construída. Por exemplo, suponhamos que a frase começa logo pelo sujeito. Se eu disser "As batatas fritas são

salgadas" ou se disser "Os Mercedes são caros" quero dizer que *todas* as batatas fritas são salgadas e que *todos* os Mercedes são caros.

A turma permaneceu em silêncio e o professor escreveu no quadro:

4. Sem quantificador.

5 Um pouco a medo, o Tiago Simões levantou o braço.

— Sim Tiago, diz lá.

— Bem — começou ele hesitante — às vezes quando eu digo "Se" eu quero dizer "Todos". Por exemplo, quando digo "Se se é membro desta turma, então é-se português".

10 O professor tinha acabado de escrever: 5. "Se...então" quando a campainha tocou.

— Por que é que não passam isto para o caderno? — sugeriu.

Depois voltou-se para o Ari e perguntou-lhe:

— Conseguimos ajudar-te, Ari?

15 Ari fez que sim com a cabeça. Estava muito agradecido ao professor por ter interrompido a aula para tratar do seu problema. Mas nessa manhã já não foi possível voltar ao assunto.

20 À hora de almoço Ari estava a balançar-se no gradeamento das escadas das traseiras da escola e a pensar: bem, sempre conseguimos obter *qualquer coisa*, mostrámos ao Tó que apesar de haver realmente poucas frases começadas pelas palavras "Todos" ou "Nenhum", há muitas frases que podem ser transformadas de forma a começarem por "Todos" ou "Nenhum". Mas Ari ainda não se tinha esquecido da outra questão do Tó: "Para que serve tudo isto?". E não conseguia encontrar uma boa resposta para esta pergunta.

25 Nessa altura apareceu o Tó com cara de poucos amigos e Ari perguntou-lhe:

— Tó, o que é que se passa?

Pelo modo como o Tó o olhou até parecia que não tinha ligado, mas depois encolheu os ombros e acabou por se ir sentar nas escadas junto do Ari.

— O meu pai diz sempre que quando eu for grande vou ser engenheiro
5 como ele. Quando lhe digo que se calhar quero ser outra coisa ele fica furioso comigo.

— Por que é que ele pensa que tu serás um bom engenheiro? — perguntou o Ari.

— Porque eu tenho sempre boas notas a Matemática e ele diz-me: "Todos
10 os engenheiros são bons a matemática e tu és bom a matemática, pensa nisso".

Ari ficou calado por uns momentos. Dava voltas à cabeça repetindo as palavras do Tó. De repente, exclamou:

— Mas isso não está certo, Tó!

— Eu sei — disse ele com ar irritado — claro que não está!

— O teu pai disse — continuou o Ari — que "Todos os engenheiros são
15 bons a matemática", não foi? Mas essa é uma das tais frases que não se podem inverter. Por isso, ele não pode dizer que todas as pessoas que são boas a matemática são engenheiras. Tenho a certeza disso. Tenho a certeza que há imensos médicos que são bons em matemática e pilotos que são bons em
20 matemática. Há muitas outras pessoas que não são engenheiras e são boas em matemática e, por isso, não se pode dizer que lá por tu seres bom em matemática, tenhas de ser engenheiro!

— Tens razão! — exclamou o Tó. — Então, mesmo que seja verdadeiro que "*Todos os engenheiros são bons em matemática*", isso não implica que
25 "*Apenas os engenheiros são bons em matemática*".

E com isto o Tó levantou-se, deu um forte abraço ao Ari e correu para casa.

O Ari decidiu ficar ainda mais um pouco no ginásio antes de voltar para casa. Tinha a impressão que o pai do Tó não ia ficar lá muito convencido com o seu novo argumento, mas ao menos tinha levado o Tó a acreditar que a sua ideia servia para alguma coisa. Depois resolveu esquecer o assunto.

CAPÍTULO 3

Lisa e Júlia estavam sentadas a comer ao fundo da escada do átrio. Como de costume, comiam as sanduíches a meias. A da Júlia, como sempre, era de atum e a da Lisa era de manteiga e mel.

Havias de ver a cara do meu pai quando eu misturo manteiga com mel —
5 disse Lisa. — Ele diz que só de *pensar* nisso fica doente.

— Eu percebo-o — respondeu Júlia. — A minha mãe também me está sempre a dizer que eu devia beber leite em vez de um sumo qualquer. Leite, brr ...!

Lisa continuava a pensar no comentário do pai. Só a ideia da manteiga
10 com mel o punha doente? Como é que um pensamento podia fazer isso?

— Os meus pensamentos fazem-me feliz — disse Júlia passado algum tempo. — Por exemplo, quando penso no Leão, o meu cão. É um Serra da Estrela. O meu pai chama-lhe Romeu porque ele está sempre a saltar para cima das pessoas. Às vezes também lhe chama Manteigas e outros nomes idiotas
15 desse género. Todos os dias quando chego da escola o levo a passear e ele faz chichi em tudo o que se pareça com uma árvore.

— Ah, percebo o que queres dizer — disse Lisa, voltando ao assunto. — Quando estás na escola pensas nele, e essa é uma sensação muito agradável, a de um pensamento de que se gosta.

20 Júlia ficou contente por a Lisa ter compreendido o que ela queria dizer.

— É isso mesmo — exclamou ela — é isso mesmo! Quando eu deixo o Leão em casa, o pensamento dele acompanha-me até à escola. Às vezes até parece que o sinto a saltar-me para o colo e a pedir-me uma festa.

Lisa vasculhou no cesto do lanche à espera de encontrar algum rebuçado. Desapontada, acabou por se contentar com uma pêra.

— É curioso — disse ela — estarmos aqui a falar sobre o pensamento. Já reparaste que o Ari está sempre a falar sobre isso? Lembras-te daquela conversa que tivemos na aula no outro dia?

— Aquela em que se falou sobre a forma como pensamos? — perguntou a Francisca que tinha acabado de chegar e se sentou ao pé das outras .

— Sim! O que eu quero dizer é que o Ari está sempre a falar sobre o pensamento.

— Então e porque não? — perguntou Júlia. — Nós na escola falamos de tantas coisas ... da chuva, da guerra, do vício da droga e da po-lu-i-ção do am-bi-en-te.

As raparigas riram à socapa quando perceberam que a Júlia estava a imitar a professora de Português, mas a Francisca, que estava interessada no assunto, continuou:

— Quando tu dizes "pensar" a que é que te estás a referir? Aos pensamentos que temos na cabeça, como por exemplo ideias, recordações, sonhos e coisas desse tipo, ou à *maneira como pensamos*?

— O que é que queres dizer com isso, a maneira como pensamos? — perguntou a Júlia.

— Ah, eu sei — disse Lisa — isso é o que eu e o Ari temos andado a falar e a que chamámos "descobrir coisas". Quando já sabemos alguma coisa e queremos saber ainda mais, temos de pensar. Temos de tentar descobrir.

— Mas ter pensamentos é diferente de pensar — disse Francisca. — A minha cabeça está sempre cheia de pensamentos, mas eu não sei de onde é que eles vêm. Às vezes penso que eles são como as bolhinhas das garrafas de gasosa que aparecem não se sabe donde e começam a borbulhar.

A Júlia disse baixinho:

— Eu não vejo os meus pensamentos dessa maneira. Para mim os pensamentos são como os morcegos. De dia é como se estivessem adormecidos numa caverna, pendurados de cabeça para baixo. À noite acordam e começam
5 a andar às voltas batendo nas paredes, fazendo um barulho horrível. Nessas alturas não consigo dormir, é como se as ideias andassem a voar de um lado para o outro na minha cabeça. Quando uma sai da caverna, transforma-se num pássaro, numa águia por exemplo, que voa livremente, sem nada que a prenda, para onde lhe apetece ... para muito, muito longe.

10 Lisa fez que não com a cabeça.

— Para mim, a mente é como o meu quarto, um mundo à parte. No meu quarto as bonecas estão todas numa prateleira: umas vezes brinco com uma, outras vezes com outra. Com os meus pensamentos faço o mesmo: tenho aqueles que são os meus pensamentos favoritos e aqueles em que nem sequer
15 quero pensar.

— Mas eu acho que os pensamentos não são coisas reais — acrescentou Júlia. — Quer dizer, eles não são reais como as coisas que estão no teu quarto. O meu pensamento do Leão não é o Leão real. O Leão real está coberto de pêlo, mas o pensamento que eu tenho do Leão não é nada peludo.

20 — Sim, mas é um pensamento real — respondeu a Francisca.

— Então, Júlia — perguntou Lisa — para ti os pensamentos são cópia ou imitações das coisas com que são parecidos? Tu dizes que ele é uma *cópia* ou uma *imitação*? Para ti eles não são reais? Imagina que está ali um cão, o Leão, por exemplo. Nesse caso, o pensamento que tu tens do cão não é real mas ape-
25 nas uma cópia dele? Mas há muitos pensamentos que uma pessoa tem que não são cópias de coisa nenhuma.

— Quais? — quis a Júlia saber.

— Olha, os números, por exemplo — respondeu a Lisa prontamente. —
Alguma vez viste um número a passear na rua ou parado nalgum sítio? O
único lugar onde os números são reais é na nossa cabeça e eu aposto que
existem muitas outras coisas, como os números, que só são reais na nossa
5 mente.

— Isso é verdade — concordou a Francisca. — E com os sentimentos?
Quando eu me sinto triste ou contente, será que esses sentimentos não estão só
na minha mente? Eu também nunca vi os sentimentos a andar pela rua!

Lisa não replicou. Em relação aos sentimentos ela não tinha bem a certeza,
10 pelo menos não tinha a certeza aonde é que eles se encontravam. Sabia que
tinha uma mente cheia de cores, sabores e sons de que se podia recordar e
ideias que inventava ou que às vezes lhe surgiam sem mais nem menos. Então
pensou que num daqueles dias havia de falar com o Ari sobre o assunto.

As três raparigas dirigiram-se lentamente para a aula. Francisca parou para
15 atar os atacadores dos ténis e quando chegou à sala a maior parte da turma
estava de volta dos ratinhos que a Mila tinha trazido. A campainha estava
quase a tocar, mas ainda estavam dois rapazes de pé à entrada da porta. Eram
altos e fortes e decidiram implicar com a Francisca não lhe dando muito
espaço para passar. É possível que tivessem feito aquilo por ela ser rapariga e
20 negra, só que ela não se intimidou e deu-lhes um empurrão, afastando-os do
caminho. A professora, que tinha olhado naquele preciso momento, viu que a
Francisca tinha empurrado os rapazes e ralhou-lhe.

A Francisca não disse nada, mas fez uma coisa que ninguém esperava.
Subiu para cima da primeira carteira da fila da frente e começou a saltar gra-
25 ciosamente de carteira em carteira, dando a volta à sala. No fim, sentou-se cal-
mamente no seu lugar.

Nesse dia a Lisa não conseguiu tirar da cabeça a imagem da Francisca saltando orgulhosamente de carteira em carteira pelo meio dos colegas em silêncio. Antes de adormecer aquela imagem surgiu-lhe novamente, mas depois apareceu-lhe outra.

5 Estava no corredor da escola e havia imensos animais à volta duma fonte. Alguns bebiam, mas a maioria estava sentada ou de pé. Nesse momento a Lisa reparou que todos eles tinham qualquer coisa de estranho: as zebras tinham garras, as girafas caudas longas e peludas e os elefantes uns bigodes enormes. Um búfalo tentava espalmar-se no chão, preparando-se para saltar e apanhar
10 um ratinho do campo, os chimpazés tinham orelhas muito bicudas e os olhos oblíquos e um urso enorme lambia a pata e lavava a cara com ela.

Mas que cena tão esquisita! Lisa perguntou a si mesma se não estaria a sonhar. Foi então que se lembrou da conversa que tinha tido com o Ari. Tinham visto a frase "Todos os gatos são animais" e tinham concordado que
15 não se podia inverter e dizer "Todos os animais são gatos".

"Nem todos os animais são gatos" — pensou Lisa — mas podemos fazer de conta que são. E nos sonhos isso pode acontecer. Eu posso imaginar o que me apetecer e, se o fizer, as regras do Ari não se aplicam.

Depois de ter andado tanto tempo a matutar naquilo, tinha finalmente
20 compreendido e isso fê-la sentir-se satisfeita. Com um sorriso, adormeceu e voltou a sonhar com a fonte e aquele lugar onde todos os animais eram gatos. Sonhou ainda com uma quinta onde todos os vegetais eram cebolas, até os pepinos e os tomates, um mundo onde todas as pessoas tinham dez anos, mesmo os bebés e os adultos, até o avô e a avó, toda a gente. Mas mesmo
25 durante o sonho ela sabia que quando acordasse estaria de novo num mundo onde todos os gatos são animais e nem todos os animais são gatos.

* * *

Nessa noite o Tó Melo remexeu-se vezes sem conta na cama e não havia meio de conseguir adormecer. Estava orgulhoso por achar a Matemática mais fácil que a maioria dos miúdos. Também gostava de Português, sobretudo da gramática, das histórias nem por isso. Não havia muitos miúdos que gostassem
5 de gramática, mas o Tó gostava. Ele gostava de perceber como as diferentes partes das frases se ligavam entre si.

— Tu podes desmontar uma frase da mesma maneira que desmontas um relógio velho e depois espalhas as peças todas no chão — tinha ele dito uma vez ao Tiago (o Tiago estava sempre a pedir-lhe que o ajudasse a fazer os tra-
10 balho de casa de Matemática e de Português).

Nessa noite o Tó não conseguiu parar de pensar na descoberta do Ari e no que tinha acontecido quando ele a tinha experimentado com o pai.

— Papá, lembras-te de me dizer no outro dia que todos os engenheiros são bons em matemática e que era por isso que eu devia vir a ser engenheiro?

15 O Sr. Melo pôs de lado o jornal, tirou os óculos, apagou o cigarro no cinzeiro e por fim respondeu:

— Sim, e então?

— Bem, tu disseste que todos os engenheiros são bons em matemática. Ora tu és engenheiro e por isso sabes, com certeza, o que isso implica. Quer
20 dizer que és bom em Matemática, não é?

O Sr. Melo concordou fazendo que sim com a cabeça e o Tó continuou:

— Mas papá, da frase "Todos os engenheiros são bons em matemática" não se pode concluir que eu tenha que ser engenheiro só pelo facto de ser bom em matemática.

25 — Então porquê? — perguntou o Sr. Melo.

Nesse momento o Tó percebeu que se tinha esquecido da explicação do Ari. Ficou confuso e por uns instantes teve receio que o pai pegasse no jornal e continuasse a ler. Mas de repente lembrou-se:

— Porque não se pode virar uma frase dessas ao contrário — disse triunfante e começou a explicar ao pai aquilo que o Ari lhe tinha dito.

O Sr. Melo ouviu-o atentamente e depois disse:

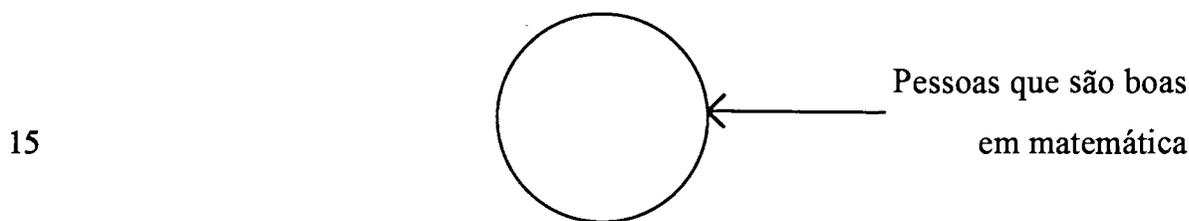
— Muito bem, mas acontece que eu sou daqueles que querem sempre
5 saber por que é que as coisas são como são. Por isso agora quero que me digas *por que é que* não se podem virar ao contrário as frases que começam pela palavra "Todos".

Tó abanou a cabeça e admitiu que não sabia porquê:

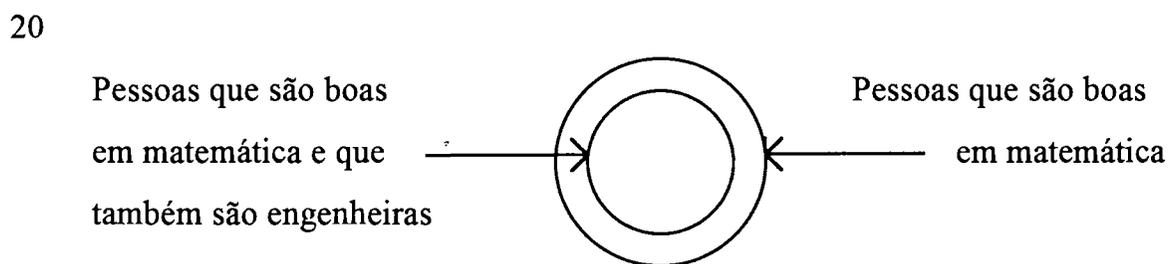
— Bem, eu também não sei — disse o pai. — Mas estou disposto a tentar
10 descobrir. Vê bem o que eu vou fazer.

Tirou um envelope do bolso e começou a escrever nas costas.

— Vou desenhar um círculo grande e vou pôr-lhe uma legenda, assim:



— O que eu quero dizer é que todas as pessoas que são boas em matemática cabem neste círculo, como se estivessem dentro duma sebe ou duma vedação. Agora eu vou desenhar um segundo círculo dentro do primeiro, assim:



25 — Isto significa que o círculo pequeno contém só os engenheiros, mas todos eles são bons em matemática porque estão também no círculo maior. Agora repara que o círculo pequeno cabe dentro do grande, mas o grande não pode caber dentro do mais pequeno.

O Tó arregalou os olhos para o pai e disse:

— Queres dizer que essa é a razão porque não se podem virar ao contrário as frases começadas por "Todos"? Podemos pôr um grupo pequeno de pessoas ou coisas dentro de um maior, mas não podemos pôr um grupo maior dentro
5 de um grupo mais pequeno?

— Parece-me que é isso mesmo — respondeu o pai.

O Tó bateu com a mão na mesa e disse:

— É como se disséssemos "Todos os lisboetas são portugueses". Isso não significa que "Todos os portugueses são lisboetas", pois se Lisboa faz parte de
10 Portugal, Portugal *não pode* ser uma parte de Lisboa.

— E podemos acrescentar — disse o Sr. Melo — que mesmo sendo verdade que todos os engenheiros são pessoas boas em matemática, não se pode concluir daí que todas as pessoas boas em matemática são engenheiras.

— Então eu tinha razão — exclamou o Tó.

15 — Tu tinhas razão — disse o pai com um ligeiro sorriso — tu tinhas toda a razão.

Depois pôs os óculos, acendeu outro cigarro e pegou novamente no jornal.

CAPÍTULO 4

A Lisa contou ao Ari a conversa que tinha tido com a Francisca e a Júlia.

— A Francisca diz que os pensamentos dela são reais.

— O irmão mais novo da Suki também deve achar o mesmo — replicou o Ari. — Ele tem dois anos e no outro dia, quando estava a desenhar, a Suki diz
5 que o ouviu dizer: "Eu tenho um pensamento e agora vou desenhar uma linha à volta do meu pensamento".

— Mas afinal os pensamentos são reais ou não são? — perguntou a Lisa.

— Não sei muito bem — disse o Ari, batendo com a bola no chão. —
Num certo sentido eles são mais reais que as coisas porque, quando as coisas
10 não estão à vista, não podemos ter a certeza se existem, mas os nossos pensamentos, esses, trazêmo-los sempre connosco. Posso fechar os olhos e fazer o mundo desaparecer, mas não posso fazer desaparecer os meus pensamentos.

Depois de dizer isto, o Ari foi ter com os amigos e começaram o jogo.

Lisa encolheu os ombros e foi para dentro. Não há nada para fazer, pensou
15 ela.

Estava a meio da hora de almoço e a professora Alda estava sentada à secretária, que mais parecia uma montanha de papéis e livros. Cumprimentou a Lisa e continuou a olhar para a janela.

— Lisa — chamou. — Queres ajudar-me? Tenho de escolher um tema
20 para o trabalho deste fim-de-semana, mas não estou contente com as ideias que tive.

— Que ideias? — perguntou a Lisa.

— Olha, gostavas de escrever sobre o tema "A Coisa Maior do Mundo?"

Lisa esticou o lábio inferior para fora, reflectiu uns instantes e disse:

— Hum!

— Hum? — repetiu a professora.

5 — Quer dizer, não gostava — disse Lisa. — De qualquer forma, o que é que quer dizer com "maior"? Maior em tamanho ou em importância?

A professora ficou pensativa e depois exclamou:

— Tens razão, pode querer dizer ambas as coisas. Então como é que sugeres que eu diga?

10 — Por que é que não diz para escrevermos sobre uma coisa que nos interesse — sugeriu Lisa.

A professora concordou e disse:

— Obrigada Lisa, é isso mesmo.

15 Quando já estava a turma toda sentada ela anunciou que o tema seria "A coisa mais interessante do mundo".

O Tiago pôs o dedo no ar.

— Quando diz "coisa", está a referir-se às matérias de estudo como a História e a Biologia, ou quer dizer aquelas coisas em que podemos tocar e agarrar, por exemplo uma bola de futebol ou uma raquete de ténis?

20 — Oh meu Deus! — disse a professora olhando directamente para a Lisa.
— Fiz outra vez o mesmo. Tens toda a razão em pôr essa questão, Tiago. *Tenho* de tentar ser mais explícita. De facto uma coisa pode ser um objecto, por exemplo uma raquete de ténis, algo que se pode ver, tocar e medir ou algo de vago e difícil de definir, como seja uma actividade.

25 — Como aquilo que eu fiz no outro dia? — perguntou a Francisca em ar de gozo.

— Bem, eu estava mais a pensar em actividades ou processos como respirar, enferrujar, voar, fazer surf, coisas assim — disse a professora.

O Ari escreveu o tema no seu bloco-notas e só no domingo voltou a pensar no assunto. Como de costume escreveu muito devagarinho e, por mais que tentasse, não conseguia escrever a direito nas linhas. O trabalho começava assim:

5

PENSAR

Para mim, a coisa mais interessante do mundo
é pensar. Eu sei que há muitas outras coisas que
são também muito importantes e maravilhosas,
10 como a electricidade, o magnetismo e a gravidade.
Mas, embora compreendamos essas coisas, elas
não podem compreender-nos. Por isso, pensar
deve ser uma coisa muito especial.

15 Ari escreveu mais alguns parágrafos e depois guardou o trabalho na pasta. Enquanto fazia isto, de repente teve uma ideia: na escola pensamos sobre matemática, pensamos sobre ortografia e pensamos sobre gramática, mas onde já se ouviu falar de pensar sobre o pensar? E então acrescentou a seguinte frase ao trabalho: "Se reflectirmos sobre a electricidade conseguimos
20 compreendê-la melhor, mas quando pensamos sobre o pensar parece que nos conseguimos compreender melhor a nós próprios".

A mãe do Ari sentou-se do outro lado da mesa da sala de jantar, onde ele estava a trabalhar e perguntou-lhe como é que ia a Matemática. Não era assunto de que ele gostasse muito de falar, por isso limitou-se a dizer que ia tudo
25 bem. Mas depois lembrou-se de contar que o professor tinha reservado uma parte da aula para discutirem a ideia dele sobre a possibilidade de virar as frases ao contrário. Os outros miúdos da turma tinham participado construindo

pequenas frases que funcionavam como base para a construção de outras. Mas não disse que o Guilherme e o Alexandre tinham gozado com ele por causa da sua "linguagem elementar", como lhe chamavam. O Ari não gostava nada que gozassem com ele.

5 A mãe ouviu-o atentamente. Ela parecia sempre preocupada, mesmo quando não estava.

— Ari — disse ela — tudo isso me parece muito bem. Mas tu pensas realmente que podes pegar em todos os tipos de frases e reduzi-las só a dois: as que começam por "Todos" e as que começam por "Nenhum"?

10 O Ari respondeu que sim, mas na verdade não tinha bem a certeza.

A D. Sofia olhou à sua volta para os peixes no aquário, para as flores na janela, para os livros nas prateleiras e perguntou-lhe:

— Como é que tu dirias "Estão sete cadeiras na sala" nessa linguagem?

O Ari sabia, antes mesmo de tentar, que não ia conseguir responder.

15 Ele não podia dizer "Todas as cadeiras estão na sala" se ali havia apenas sete. E também não podia dizer que não havia *nenhuma* cadeira na sala. A mãe tentou ajudá-lo, pensaram e discutiram o assunto, mas não valeu de nada. Lembraram-se de muitas outras frases mas eram igualmente difíceis. O que é que se podia fazer com "Algumas cadeiras estão na sala", "Imensas cadeiras
20 estão na sala" ou uma coisa ainda mais difícil como "Quase todas as cadeiras que já existiram estão na sala"?

No dia seguinte, antes da aula de Matemática começar, o Ari perguntou ao professor se o podia ajudar.

— Olha Ari, tu lembras-te que no outro dia escrevemos uma série de
25 palavras no quadro que podiam ser substituídas pela palavra "Todos"? Ora bem, agora estás a dizer-me que não sabes o que fazer com frases que começam por palavras como "Quase todos", "Imensos", "Poucos" e tantas

outras. Então, pensa lá! Será que não existe uma palavra que possa substituir qualquer uma delas?

— Não consigo lembrar-me de nenhuma — murmurou o Ari.

— Eu sei — disse alguém.

5 O Ari voltou-se para trás. Era o Miguel que tinha estado sentado a ouvir a conversa.

— Do que vocês estão à procura é duma palavra que englobe todos os casos entre "Todos" e "Nenhum". Por que é que não dizem "Alguns"?

O Ari teve logo vontade de dizer: "Não, Miguel, isso nunca dará", mas
10 quanto mais pensava nisso, mais lhe parecia que o Miguel talvez tivesse razão. Como o Miguel acabara de dizer, era necessário encontrar uma palavra que se aplicasse a qualquer caso que fosse menos extenso que *todos* e mais extenso que *nenhum*. Nesse caso por que não *alguns*, como o Miguel tinha sugerido? Mas quando o Ari chegou a esta conclusão, o professor interrompeu e disse:

15 — Acho que sim, Miguel.

Então o professor disse aos alunos para acrescentarem um novo elemento à linguagem que estavam a construir: "Quando for menos que *todos* e mais que *nenhum* usa-se *alguns*".

O Tó levantou o braço.

20 — Só vejo um problema.

Ele vê *sempre* problemas, disse o Ari para si próprio.

— Qual é o teu problema? — perguntou o professor.

— Bem — disse o Tó — é que quando se fala de "Todos" e "Nenhum" estamos perante dois termos opostos. Quer dizer, "Todos" é o oposto de
25 "Nenhum" e "Nenhum" o oposto de "Todos", mas se se começar por "Alguns" não há nenhum oposto!

— E quem é que diz que tem de haver? — perguntou o Ari.

— Digo eu — respondeu o Tó — e posso dar alguns exemplos.

— Então dá lá — replicou o Ari sabendo que o Tó o faria. E entre dentes murmurou:

— Parvalhão!

5 — Por exemplo uma frase como "A maioria das pessoas não é pobre" — disse o Tó, como se não tivesse ouvido o que o Ari dissera.

— É mentira — disse o David Tomé. — "A maioria das pessoas não é rica".

O Tó pareceu ficar irritado.

10 — Isto é só um exemplo — disse. — Mas está bem, então outro exemplo. "Imensas pessoas não gostam de tomar banho".

Muitos da turma fizeram que sim com a cabeça ao ouvir o segundo exemplo do Tó.

De repente, o Ari viu claramente o problema.

15 — O "Alguns" está bem! — quase gritou. O "Alguns" está bem! São os verbos que mudam!

A turma ficou estúpida a olhar para ele.

— Num caso temos o verbo "ser" e no outro "não ser"!

O professor Santos olhou para o Tó e disse:

20 — A questão que levantaste é interessante Tó, muito interessante mesmo, mas o Ari também tem razão, penso eu. Vamos lá ver se consigo resumir tudo o que dissemos até agora.

E foi até ao quadro.

25 — Vou escrever quatro frases diferentes, mas com o mesmo sujeito e predicado, assim:

Todas as disciplinas são interessantes

Nenhuma disciplina é interessante

Algumas disciplinas são interessantes

Algumas disciplinas não são interessantes

O Ari respirou de alívio. Tinham dado um grande passo em frente. Parou de escrever mesmo a tempo de ver todos os colegas a assentarem cuidadosamente o que o professor tinha acabado de escrever no quadro. Até o Tó estava a escrevinhar.

5 Uns dias mais tarde a professora de Português entregou ao Ari a folha que ele tinha escrito sobre "Pensar". Ela tinha escrito imensas coisas à margem, mas havia uma frase que o tinha interessado especialmente: "Tens razão, Ari, não há nada no mundo mais maravilhoso do que a nossa compreensão desse facto".

10 Ari, fascinado, leu e releu aquilo vezes sem conta. Está tão bem dito, pensou ele. Eu nunca seria capaz de o dizer tão bem. E encolheu os ombros. "Adultos", disse para consigo mesmo. E fechou a pasta rapidamente, preparando-se para ir para casa. Mas quando ia a sair da escola, uma pedra passou-lhe mesmo rente à cara partindo o vidro da porta. Ari voltou-se a tempo de
15 ver alguém a fugir, mas, embora não tivesse conseguido ver bem quem era, aquilo que lhe veio logo à ideia foi que tinha sido o Tó.

CAPÍTULO 5

— Adultos! — resmungou Marcos Horta quando o contínuo correu com ele e com a irmã gémea da escada.

Maria, como de costume, ficou imperturbável.

— Então, essa é a função dele — comentou. — Quando se tem uma função a desempenhar dizem-se e fazem-se certas coisas sem querer, como numa
5 peça da escola quando representamos um papel e temos de dizer coisas que não sentimos.

Marcos não respondeu. A irmã estava sempre a dar-lhe lições mas ele quase nunca concordava com ela, só que raramente sabia porquê.

10 O Ari chegou entretanto, a comer um chocolate com passas. Ofereceu um bocado ao Marcos e só depois se lembrou da Maria. Comeram as guloseimas em silêncio.

Depois o Marcos voltou a falar:

— A disciplina de História não interessa mesmo nada. Aborreço-me de
15 morte naquelas aulas!

Ari não lhe apetecia muito discutir e respondeu:

— Algumas disciplinas são boas e outras não.

E de repente surgiu-lhe a imagem do professor Santos a escrever no quadro:

20 Algumas disciplinas são interessantes

Algumas disciplinas não são interessantes

Mas calou-se e o Marcos continuou.

— Não há uma única que preste. São *todas* más.

— Ó Marcos — disse Maria num tom de voz calmo — só porque algumas disciplinas não são interessantes para ti, isso não significa que sejam *todas*
5 desinteressantes.

— De facto não *significa* — respondeu Marcos. — Elas *são*.

Maria continuou como se não tivesse ouvido nada.

— Afinal — disse ela — se algumas disciplinas são desinteressantes, então é porque há outras disciplinas que são *interessantes*.

10 O Ari olhou para ela com ar pensativo e, for fim, perguntou:

— Quais?

— Já *disse* — começou Maria, e repetiu o que acabara de dizer. — E não estou a inventar nada — acrescentou. — Se quiserem, descubram vocês.

Marcos pôs um livro no chão a fazer de almofada, assentou bem a cabeça
15 e fez o pino.

— Isso não quer dizer nada, Maria — objectou o Ari. — Olha — disse ele, tirando do bolso o saco de rebuçados que estava quase cheio. — Supõe que não sabias que espécie de rebuçados estavam neste saco e depois vias-me tirar dele três rebuçados castanhos. Podias concluir que ainda havia outros
20 rebuçados no saco que não fossem castanhos?

— O que estás a perguntar é se eu poderia saber a cor dos outros sem os ter visto? Não, julgo que não — respondeu Maria.

— É claro — exclamou o Ari. — Se apenas soubermos que *alguns* dos rebuçados do saco são castanhos, não podemos saber qual é a cor de *todos*,
25 não podemos mesmo. Se alguns *são* castanhos, *alguns* podem *não* ser!

Maria disse que não tinha percebido *nada* do que o Ari dissera, mas entretanto o Marcos levantou-se e perguntou:

— Imagina que uns Marcianos vinham à Terra e aterravam neste preciso momento, aqui no pátio da escola. Se todos fossem muito altos, o que é que nós podíamos dizer sobre todos os outros Marcianos?

— Não se poderia concluir nem que *eram* altos nem que *não eram* — respondeu Ari. — Não se podia dizer nem uma coisa nem outra.

Maria parecia intrigada.

— Mas as pessoas estão sempre a tirar conclusões precipitadas. Se uma pessoa conhece um indiano, um cigano ou um cabo-verdiano, tira logo a conclusão de que essa é a maneira de ser de *todos* os indianos, de todos os ciganos e de todos os cabo-verdianos.

— Isso é verdade — disse o Ari. — As pessoas têm a mania de tirar conclusões precipitadas.

— Ou de estar sempre a dar nos outros — comentou Maria.

O Marcos, que continuava a pensar no assunto inicial da conversa, disse:

— Mesmo assim continuo a achar que a aula de História é horrível. Aliás, *todas* as aulas nesta escola são horríveis. Esta é uma escola horrível.

— E há melhores? — perguntou Ari.

— Não — replicou o Marcos — possivelmente não há. Eu conheço miúdos de escolas particulares e de escolas oficiais e pelo que eles me dizem as escolas são horrorosas em todo o lado.

— E o que é que faz com que elas sejam tão más? — quis saber o Ari.

— Os adultos — respondeu Marcos prontamente. — Eles dirigem as escolas como lhes convém. Desde que faças o que te mandam, tudo bem. Mas se assim não for, estás arrumado.

25 Tanto a Maria como o Ari estavam um pouco perturbados com o que o Marcos tinha dito. Mas a Maria ficou sentada a pensar, enquanto o Ari, impaciente, andava de um lado para outro. De repente agarrou numa pedra e atirou-a contra um poste. Falhou por um triz.

— Marcos — começou a Maria calmamente — eles só estão a tentar fazer o que é melhor para nós.

— Pois claro — disse Marcos — e podes ter a certeza que vão dizer que é bom, seja o que for que fizerem.

5 — Bem, mas *alguém* tem de dirigir as escolas. E têm de ser os adultos, porque eles são os que sabem mais, tal como acontece noutros casos. Tu não ias querer andar de avião se o piloto fosse um miúdo, pois não? E também não ias deixar que te operassem ao apêndice, se no hospital os cirurgiões e os enfermeiros fossem crianças. Portanto, o que havemos de fazer se não deixar
10 os adultos dirigir as escolas, se eles são os únicos que o podem fazer bem?

Maria respirou fundo, pois já tinha falado o bastante para o que era seu costume.

Marcos parecia muito triste.

— A ideia de que as crianças deviam dirigir as escolas não foi minha mas
15 tua. Mas olha, talvez se o fizessem as coisas não estivessem pior do que estão agora.

O Ari abanou a cabeça.

— A questão não é saber se deveriam ser os adultos ou as crianças a diri-
gir as escolas. Não é esse o problema, de maneira nenhuma. O verdadeiro
20 problema é o de saber se as escolas deveriam ser dirigidas por pessoas que sabem o que estão a fazer ou por pessoas que não sabem o que estão a fazer.

— O que é que queres dizer com isso, "saber o que estão a fazer"? — perguntou a Maria.

Ari encolheu os ombros, e respondeu:

25 — Quero dizer que compreendam. Quem quer que dirija uma escola deve compreender as crianças. Estou de acordo com o Marcos. Muitas vezes eles não nos compreendem. Quanto a mim, em primeiro lugar eles deviam saber por que é que andamos na escola.

— Andamos na escola para aprender — disse a Maria.

— Sim, achas isso? — perguntou o Ari. — Então o que é que devemos aprender?

— Respostas, acho eu.

5 A Maria ficou a pensar aonde é que o Ari queria chegar e quando lhe pareceu que tinha percebido, acrescentou:

— Não, retiro o que disse. O que devemos aprender é a resolver problemas.

Marcos olhou para Maria.

10 — Devemos aprender a resolver problemas — perguntou com ar pensativo — ou devemos aprender a fazer perguntas?

Ari achou que tinha a resposta:

— Devemos aprender a pensar.

15 — Nós aprendemos a pensar — respondeu o Marcos — mas nunca aprendemos a pensar por nós mesmos. Os professores não aceitam isso, mas eu penso pela minha cabeça. Eles estão sempre a tentar encher a minha cabeça com toda a espécie de sucata, só que ela não é o ferro-velho da cidade. Isso irrita-me.

— Então para que espécie de escola gostavas de ir? — perguntou Ari.

20 Marcos ficou a olhar durante algum tempo para um passarito que saltitava no chão e então disse:

— Para que espécie de escola gostava de ir? Eu digo-te para que espécie de escola gostava de ir. Uma escola onde só fosses às aulas de que gostasses. Assim, para despertar o nosso interesse e para que lá quiséssemos ir, eles
25 sentir-se-iam obrigados a tornar as matérias mesmo interessantes. Seria como nos museus: por exemplo, cada vez que quiséssemos saber mais alguma coisa sobre um determinado assunto era só carregar no botão e começava a passar

um filme ou então aparecia uma resposta como nos computadores. E a matéria de Ciências podia ser dada como uma história de ficção científica...

— Só há um problema — interrompeu Ari — é que há uma data de coisas que são ensinadas na escola que *não se podem* tornar interessantes.

5 — Claro que podem — replicou Marcos. — Já repararam como conseguem tornar tão interessantes os produtos anunciados na televisão? Os anúncios são bestiais, mesmo quando anunciam uma simples barra de sabão.

Ari concordou sorrindo.

10 — É por isso que aquilo é tudo uma aldrabice, Marcos, tu próprio acabaste de o dizer.

— Claro que tens razão. Mas o facto é que os publicitários pegam numa coisa qualquer sem importância, dão-lhe uma volta, misturam-lhe um pouco de música e cor e tornam-na fascinante, enquanto na escola pegam em assuntos que são realmente interessantes, como a História, e ensinam-nos de tal modo

15 que os tornam chatos e sem o menor interesse.

Ari abanou a cabeça. Tudo o que conseguiu dizer foi:

— Eu não sei, Marcos. Eu não sei mesmo o que hei-de dizer sobre isso.

— Nem eu — concordou Maria — e agora tenho de ir para casa. Está a ficar frio aqui fora.

20 Os rapazes foram para o outro lado do pátio onde estavam a jogar futebol e juntaram-se aos outros. Passado algum tempo o jogo terminou porque já estava a fazer-se tarde e eram horas de ir para casa. Mas o Ari e o Marcos ainda ficaram um pouco sentados na relva, a mastigar pastilha elástica e a olhar para o céu. O céu estava limpo e muito azul, à excepção duma gigantesca

25 nuvem branca que ia a passar devagarinho lá no alto.

De repente o Marcos exclamou:

— Olha ali a Europa, Ari!

E era mesmo. Ali estava a Espanha e o Mediterrâneo, Portugal e o Atlântico. Só a Itália estava apagada e pouco nítida. Os rapazes observaram fascinados o grande continente a desaparecer majestosamente no azul do Atlântico.

— Que maravilha — disse o Ari, depois da nuvem ter passado e ser apenas uma mancha à distância.

— Bestial — replicou Marcos — e repara que a *ideia* foi *nossa*.

— O que é que queres dizer com isso da ideia ser nossa? — quis o Ari saber.

— Quero dizer que a nuvem em si era lindíssima, mas se pensares bem também foi giro estarmos aqui deitados a imaginar a Europa a atravessar o Atlântico. Tens de o admitir.

Nessa altura, o comentário que a professora de Português tinha escrito no trabalho de casa dele cruzou-lhe o pensamento como se fosse uma legenda da televisão: "Por mais maravilhosa que uma coisa possa ser, *compreender* o seu funcionamento é igualmente maravilhoso". Não era bem isso que ela tinha escrito, mas a ideia era a mesma.

— Eu acho — acrescentou o Ari — que não é preciso ir à Lua ou viajar pelo o Atlântico para se ter aventuras ou ver coisas maravilhosas. Por vezes elas estão mesmo à nossa frente para as podermos observar.

— Eu às vezes entusiasmo-me de tal maneira com as minhas próprias ideias, que começo a andar no meu quarto de um lado para o outro, ou então dou socos no saco de desporto e faço uma data de disparates até me acalmar — retorquiu o Marcos.

Ficaram em silêncio e no fim o Ari perguntou:

— Ó Marcos, quem é que tu pensas que tentou atirar-me uma pedra no outro dia?

E contou ao Marcos resumidamente o que tinha acontecido.

— Isso foi na terça-feira depois das aulas?

— Foi — respondeu o Ari — foi na terça-feira depois das aulas.

— Não tenho bem a certeza, mas eu saí da escola antes de ti e lembro-me de ter visto aquele miúdo que entrou agora, o Guilherme, escondido atrás
5 dum árvore ao pé da porta.

O Ari ficou a pensar: o Guilherme? E porque havia ele de querer acertar em mim? Mas vendo bem, também que razões teria o Tó para o querer fazer?

A caminho de casa, o Ari foi sempre com muita atenção, não fosse alguém
10 estar atrás de alguma árvore ou escondido numa esquina. Quem quer que tivesse atirado a pedra na terça-feira, poderia não falhar na próxima vez.

CAPÍTULO 6

— Há uma música que não me sai da cabeça — disse a Júlia. — Está num disco que temos cá em casa e o meu irmão está sempre a pô-la a tocar. Chama-se "O Apêndice do Cavaleiro" ou qualquer coisa assim.

Francisca corrigiu com ar trocista:

5 — "O Aprendiz de Feiticeiro".

Júlia riu-se do seu próprio engano.

— É curioso — acrescentou — até parece que estou *enfeitçada* por essa música. Estou sempre a lembrar-me dela quando estou a fazer os trabalhos de casa, antes de adormecer e em muitas outras ocasiões. Às vezes gostava de
10 poder sacudi-la da minha cabeça como o meu cão sacode a água do pêlo.

Era sexta-feira à noite e tanto a Francisca como a Laura ficavam nesse fim-de-semana a dormir em casa da Júlia.

— Às vezes também me acontece isso quando sonho — disse Laura. — A minha avó esteve durante muito tempo doente e depois dela morrer eu estava
15 sempre a sonhar com ela. Tive sempre a impressão que era ela que me *fazia* sonhar. Mas como é que isso era possível se ela já tinha morrido?

— Depois de uma pessoa morrer, já não pode fazer nada — disse Francisca — pelo menos acho que não pode.

Júlia olhou para Francisca e ficou a pensar:

20 — É engraçado — disse. — A última vez que ouvi aquele disco foi há uma semana e desde essa altura que ando com a música na cabeça. Ela provoca-me sempre uma grande emoção. Estou a pensar se não será possível que

a morte da avó da Laura *lhe* tenha causado também uma emoção muito forte e por causa disso esteja sempre a sonhar com ela?

A Laura abanou a cabeça em concordância.

— Quando vejo a Lua é porque a Lua está no céu e é por isso que eu a
5 vejo, não é? Mesmo agora ouvi as vossas vozes na minha mente porque esta-
vam a falar comigo. Eu acho que os pensamentos que eu tenho cá *dentro* são
causados por coisas que estão cá *fora*.

— Isso é ridículo — disse a Júlia. — Há imensas coisas que nós imagina-
mos e que só existem *dentro* da nossa mente. Fora dela não há nada que seja
10 semelhante.

— O quê, por exemplo? — perguntou a Laura.

— Por exemplo os vampiros, os duendes ou o monstro de Frankenstein —
replicou Júlia.

— Talvez — disse a Laura. — Eu de facto não acredito em duendes e
15 monstros, mas quanto aos vampiros já não tenho bem a certeza. Os duendes e
os monstros são inventados pelas pessoas, que nos falam deles e nos fazem
pensar sobre eles.

— Ouve, Laura — interrompeu Francisca — tu tens estado a falar no que
está *dentro* da tua mente e no que *não está dentro* da tua mente. Mas afinal o
20 que é a mente? E como é que tu sabes que tens uma mente?

Laura bocejou e espreguiçou-se, mexendo os dedos dos pés debaixo da
roupa.

— Eu sei que tenho uma mente — replicou — do mesmo modo que sei
que tenho um corpo.

25 Nisto, o pai de Júlia bateu à porta e disse às raparigas que passava da
meia-noite e já eram horas de dormir. Elas prometeram acabar com a conversa
(quer dizer, a Júlia prometeu, porque as outras duas começaram a rir-se à
socapa), mas passado pouco tempo já estavam outra vez a conversar.

Francisca insistia que uma pessoa podia ver e tocar o seu próprio corpo, mas não podia ver ou tocar a mente.

— Quando falamos da mente — concluiu a Francisca — no fundo estamos a falar do cérebro. Só as coisas que se podem ver e tocar é que são reais.

5 — Mas há imensas coisas que são reais e que não se podem ver e tocar — objectou a Laura. — Por exemplo, se eu for dar um mergulho, será que existe alguma coisa a que se possa chamar mergulho? E se eu for dar um passeio a pé ou fazer uma viagem, será que existem coisas reais chamadas voltas ou viagens?

10 — Aonde é que tu queres chegar com isso? — perguntou Francisca.

— Eu penso que o que a Laura está a dizer — adiantou Júlia — é que aquilo a que chamamos pensamento é uma coisa que se faz, como mergulhar, andar ou viajar.

15 — É isso mesmo — concordou Laura — é isso mesmo que eu queria dizer. Quando eu há pouco disse que tinha uma mente, o que eu queria dizer era que penso sobre as coisas. Eu mentalizo o telefone, a minha irmã mais nova ou aquilo que estou a fazer. "Ter uma mente" é o mesmo que "mentalizar".

20 Mas Francisca não ficou lá muito satisfeita com a solução da Júlia e com a da Laura e por isso acrescentou:

— Eu concordo com a ideia de que a mente não é a mesma coisa que o cérebro. Bem sei que antes tinha dito que sim, mas agora mudei de opinião.

As outras começaram a rir-se à socapa, mas Francisca continuou:

25 — Eu estou a pensar que a electricidade não se pode ver e no entanto ela é real. Os nossos pensamentos também não podem ser uma coisa eléctrica no nosso cérebro?

Então foi a vez da mãe da Júlia ir ao quarto mandá-las calar, dizendo que a conversa tinha que ficar para a manhã seguinte.

— Mamã — chamou Júlia — o que é a mente?

A D. Paula desconfiou que estava a ser arrastada para uma conversa que já devia ter acabado, mas não quis desapontar a filha e respondeu:

5 — Sabes Júlia, quando eu tinha a tua idade achava que a mente era uma coisa muito fininha, uma espécie de fumo como a nossa respiração.

— E achava que a podia ver como acontece com a nossa respiração nos dias em que está muito frio? — perguntou a Júlia.

10 — Não — respondeu a mãe — eu só pensava que era uma coisa real mas invisível. Nunca a podíamos ver, mas ela estava onde estavam os nossos pensamentos, as nossas sensações, as nossas recordações e fantasias, e estas coisas todas eram feitas da mesma substância fina e transparente.

— Ah — exclamou a Júlia — é isso mesmo! A mente é exactamente isso!

A D. Paula sorriu.

— Talvez seja.

15 — Então o que é que havia de ser? — perguntou a Júlia.

A D. Paula passou a mão pela cabeça da filha e disse:

— Eu realmente não sei... — mas depois acrescentou — não estou a dizer isto só por ser tarde e não querer discutir mais o assunto, a verdade é que eu não sei mesmo. Às vezes chego a pensar que ela não é senão linguagem.

20 — Linguagem? — perguntou Júlia.

— Olhem, quando as crianças começam a falar, falam com as outras pessoas — disse a mãe de Júlia. — Se não há ninguém com quem conversar, as crianças continuam a falar como se estivessem a conversar com alguém. Quer dizer, começam a falar para si mesmas. E vão falando cada vez mais baixinho até não se ouvir nada. É a isso que se chama pensar.

25 — Então acha que podemos dizer — perguntou a Francisca — que no início as crianças só vêem as coisas quando elas estão presentes, mas quando

elas desaparecem as crianças lembram-se delas ou imaginam-nas? Nesse caso, os pensamentos são apenas os vestígios das coisas na nossa memória?

— Olha Francisca, não sei, nunca pensei nisso dessa maneira — respondeu a D. Paula.

5 Nessa altura entrou o Sr. Pontes e quis saber que assunto tão interessante era aquele para estarem ainda a conversar à uma e meia da noite, aliás, da manhã, quando já eram muito boas horas de estarem todos a dormir.

— Estávamos a falar sobre sonhos, fantasmas e coisas assim — disse Júlia. — E agora estávamos a tentar descobrir o que é que queremos dizer
10 quando falamos da mente de uma pessoa.

— Então havemos de falar nisso amanhã de manhã ao pequeno-almoço — prometeu o Sr. Pontes.

— Eu sei o que é — exclamou Laura. — A mente é uma coisa que as pessoas têm e os animais não têm.

15 O Sr. Pontes pegou numa cadeira, sentou-se e disse baixinho:

— Não Laura, não é isso. A diferença não está em ser homem ou ser animal. De maneira nenhuma. O homem também é um animal. A diferença é que o homem é um animal com *cultura* e é essa a razão porque acreditamos que tem uma mente. De facto, qualquer animal tem uma mente desde que tenha
20 uma cultura.

— De que é que o teu pai está a falar? — cochichou a Francisca para a Júlia. — Fala como se fosse um livro.

— Oh, o papá fala sempre assim — respondeu a Júlia. — Parece uma enciclopédia, não parece?

25 Por fim, a pobre da Laura lá deixou escapar:

— Eu não percebi muito bem.

O Sr. Pontes olhou para ela desapontado mas compreensivo, pois já estava habituado que lhe dissessem que não percebiam o que ele dizia.

— Eu vou tentar explicar-te amanhã de manhã — disse-lhe amavelmente.

— Agora, toca a dormir. Boa noite.

5 As três raparigas foram para a cama e, em menos de um minuto, caíram num sono profundo.

CAPÍTULO 7

Na manhã seguinte ao pequeno-almoço, o Sr. Pontes ficou à espera das miúdas para esclarecer aquilo que tinha dito na noite anterior. Ele já tinha reparado que sempre que tentava explicar as suas ideias à filha, ela parecia ter dificuldade em compreendê-lo. Por isso, agora estava decidido a falar o mais
5 simples e claramente que pudesse, porque aquele assunto lhe parecia particularmente importante.

Mas as coisas não começaram lá muito bem. Elas desceram muito tarde para o pequeno-almoço e, quando finalmente se sentaram à mesa, estavam ensonadas e não tinham fome.

10 — Eu gostava de voltar ao assunto de ontem à noite — disse ele.

Nesse momento pareceu-lhe ver a Júlia dar um pontapé à Laura por baixo da mesa, mas como não tinha bem a certeza, continuou:

— Laura, tu afirmaste que os homens têm mente e os animais não têm, não foi?

15 Laura teve vontade de dizer que já não lhe apetecia nada falar disso, mas por uma questão de educação limitou-se a responder:

— Foi sim, Sr. Pontes.

Parecia que elas já estavam com mais atenção e, por isso, o pai da Júlia prosseguiu:

20 — Bem, Laura, não há uma diferença fundamental entre a inteligência do homem e a do animal. A diferença é de grau, tal como a inteligência da criança e a do adulto também é apenas de grau.

— O que é que quer dizer com uma diferença de grau? — perguntou Francisca.

As outras duas estavam com uma cara de quem também não tinha percebido e o Sr. Pontes ficou bastante admirado. Ele julgava que elas já conheciam a distinção entre "diferenças de grau" e "diferenças de género".

Depois de pensar um pouco, disse:

— Vocês, por exemplo, têm alturas diferentes. A Francisca é mais alta, a Laura está a seguir e depois é a Júlia. Portanto, diferem na altura e essa é uma diferença de grau. Vocês também têm pesos diferentes, não têm?

— A Laura é a mais pesada — disse Júlia — a seguir é a Francisca e depois sou eu. Essa também é uma diferença de grau?

— Exactamente — replicou o Sr. Pontes. — Mas a diferença entre altura e peso já é uma diferença de género. Não é uma diferença gradual, é uma diferença fundamental. Nós medimos a altura em metros e centímetros, enquanto o peso se mede em quilos e gramas.

— E o que é que isso tem a ver com a mente? — quis saber Francisca.

— Bem, como eu já tinha dito — explicou o Sr. Pontes — a diferença entre o comportamento mental do animal e o do homem é, na minha opinião, uma diferença de grau, por isso não podemos dizer realmente que os animais não têm mente.

— Mas *existe* uma diferença de género entre o homem e os animais? — perguntou Júlia, enquanto bebia o sumo de laranja.

— Bem, eu penso que há. Todos sabemos que o homem tem uma cultura, mas não sei se podemos dizer que os animais têm uma cultura.

E antes delas terem tempo de responder o que quer que fosse, o Sr. Pontes continuou:

— Já sei que vocês vão perguntar a seguir o que é a cultura. Bem, uma cultura é a totalidade das formas de viver em grupo desenvolvidas pelos indivíduos de uma determinada sociedade. É a língua, o sistema educativo, a religião, a arte, a forma de ganhar a vida, o sistema político, o casamento, a propriedade e muitas outras coisas. Todas estas formas de viver em grupo vão passando de geração em geração e, por isso, qualquer cultura encerra a totalidade das experiências de vida de centenas de milhares de gerações.

Ficaram as três a olhar para o Sr. Pontes. Ao princípio parecia que estavam a compreender o que ele dizia, mas para o fim começaram a sentir dificuldades em entendê-lo.

De repente, o Sr. Pontes descobriu uma maneira de exemplificar o que queria dizer:

— Olha Júlia, o homem viaja normalmente por terra mas se ele quiser viajar por mar, o que é que faz?

— Vai a nado ou constrói um barco — respondeu Júlia.

— E desde que foi descoberta a forma de construir barcos, qualquer pessoa que queira viajar por mar pode aproveitar essa invenção, não é? — acrescentou o pai. — E se quiser voar terá de esperar que lhe cresçam as asas?

— Claro que não — respondeu Laura — já foram inventados os balões, os aviões e os foguetões. Ou então serve-se de outra invenção qualquer.

— E no caso dos outros seres vivos? — perguntou o Sr. Pontes. Os pássaros voam, mas eles não constroem aviões. Os peixes andam no mar, mas não constroem barcos. Em tempos, as baleias foram criaturas terrestres, mas tiveram de se tornar gradualmente anfíbias. Elas sobreviveram, mas não como Noé. Quase poderíamos dizer que em vez de *construírem* barcos se *tornaram* elas próprias barcos.

— Espere aí — interrompeu Francisca. — Parece que começo a perceber aonde quer chegar. Os animais só conseguem fazer um determinado tipo de coisas e vivem e deslocam-se sempre da mesma forma. Mas o homem consegue inventar novas formas de viver e de transformar o mundo à sua volta.

5 O Sr. Pontes sentou-se na cadeira e exclamou, sorrindo:

— Parece-me que agora estão a começar a perceber, não é verdade?

Júlia afastou um pouco a cadeira da mesa, acrescentando:

— Ela pode estar a perceber mas eu ainda não estou. Tu`começaste por falar na cultura. Mas o que é que os barcos, os aviões e os foguetões têm a ver
10 com a cultura?

— Sabes filha, os animais não inventam nada, mas tudo aquilo que foi inventado pelos homens ao longo dos tempos, tudo isso permaneceu para sempre gravado na cultura humana. Cada vez que utilizamos uma invenção, lemos um livro, estudamos uma ciência ou ouvimos música, estamos a desfrutar da
15 ideia de alguém ... de alguém que pode ter vivido há milhares de anos e a milhares de quilómetros daqui. Da mesma forma que as nossas recordações se fixam na mente, as ideias da humanidade também permanecem na cultura humana e nunca irão desaparecer nem apagar-se.

Infelizmente, o Sr. Pontes teve de se ir embora e não houve tempo de lhe
20 fazerem mais perguntas.

Na segunda-feira, a Júlia já não se conseguia lembrar de alguns pormenores da teoria do pai acerca da mente. Tentou explicar à Lisa e ao Ari, mas só conseguia recordar-se da distinção entre diferenças de grau e diferenças de género. E, para grande surpresa sua, o Ari ficou muito interessado no assunto.

25 — Lisa — disse o Ari — lembras-te quando virámos as frases ao contrário e descobrimos que quando começavam pela palavra "Nenhum" *podíamos* invertê-las, mas se comessem por "Todos" já *não podíamos*?

Lisa fez que sim com a cabeça e reparou que o Ari estava entusiasmado com a nova ideia.

— Então olha — continuou ele, pegando num pedaço de giz e dirigindo-se ao quadro — aqui está o que o pai da Júlia disse:

5 A Francisca é mais alta do que a Laura.

 A Laura é mais alta do que a Júlia.

— Podemos inverter estas frases? Claro que não. Porque, se é verdade que a Francisca é mais alta do que a Laura, então não pode ser verdade que a Laura
10 seja mais alta do que a Francisca.

— E depois? Toda a gente sabe disso — respondeu a Júlia.

— Está bem — continuou o Ari — mas se eu pegar numa frase como esta:

Lisboa é longe de Faro

15

e a inverter, continua a ser verdadeira. Então, parece que em determinadas relações, podemos virar as frases ao contrário porque elas continuam a ser verdadeiras, mas noutras relações não podemos, porque elas se tornam falsas.

— Acho que já percebi — exclamou a Lisa — é como na matemática
20 quando usamos o sinal de "igual", "é maior que" e "é menor que". Podemos inverter uma frase contendo o sinal de "igual", porque ela continua a ser verdadeira, mas se invertermos as outras, elas tornam-se falsas.

— E se for uma frase como "O Guilherme está furioso com o Ari" — acrescentou Júlia — pode virar-se ao contrário?

25 O Ari não chegou a ter tempo de responder, porque nesse preciso momento viu alguém de pé à porta. Era o Guilherme e parecia perturbado, mas segundos depois tinha desaparecido.

CAPÍTULO 8

Enquanto a Lisa, a Júlia e o Ari conversavam, o professor Santos tentava montar um projector de slides que tencionava utilizar na aula seguinte. Os outros alunos estavam sentados nas carteiras, à espera que a aula começasse. E sabem no que eles estavam a pensar enquanto esperavam?

5 A Mila Guerra estava a tentar lembrar-se se nessa manhã tinha ou não dado de comer aos seus ratinhos de estimação.

 O David Tomé perguntava a si mesmo se a avó sempre lhe compraria uma bola de futebol tal como tinha prometido.

 O Tiago Simões estava a tentar decidir se lhe doía assim tanto o estômago
10 que justificasse pedir ao professor para ir para casa.

 O Tó Melo estava a tentar resolver de cabeça a soma de 38 mais 93.

 A Suki Tong estava a lembrar-se da sua amiga Penélope, que se tinha ido embora há quatro meses. Tinham sido vizinhas e amigas durante praticamente toda a vida.

15 O Rodolfo Gama imaginava-se a descer dum foguetão. Ele era a primeira pessoa a pôr os pés em Marte, onde havia grutas enormes que ele iria explorar, cobertas de cristais de cores inacreditáveis.

 O Lutero Batalha estava a tentar não pensar naquele rato enorme que lhe tinha passado por cima da cama na noite anterior e que ele tinha visto na grade
20 do radiador quando acendeu a luz. Quase de certeza que o rato lhe tinha passado pela cara.

 O Miguel Marques estava a pesar os prós e os contras de fazer uma bola de papel e atirá-la à Laura Moura.

A Ana Torres estava a pensar que o jarrão de flores que estava no parapeito da janela daria um bonito quadro.

A Joana Estrela estava a pensar em como tinha sido tão injustamente castigada nessa manhã, só porque tinha dado um empurrãozito de nada ao irmão e
5 o parvalhão tinha logo ido cair em cima da mesa do pequeno-almoço e partido um braço.

A Paula Rios perguntava a si mesma se o pai algum dia voltaria para casa.

O Marcos Horta estava preocupado a pensar no que faria se os rapazes do 9º ano voltassem a meter-se com a Maria quando à tarde eles regressassem a
10 casa.

A Maria Horta interrogava-se se devia esperar que o Marcos a protegesse ou se devia contar consigo mesma, já que era a rapariga mais rápida da turma.

A Francisca Madeira perguntava a si mesma se gostava do professor Santos por ele ser boa pessoa e bom professor, ou por ele ser negro como ela.

15 O Alexandre Mendonça estava a pensar em como iria arranjar dinheiro para comprar um chocolate à saída da escola.

A Júlia Pontes estava a pensar em como o mundo era perfeito: que maravilha o céu ser tão azul. O azul é mesmo a cor ideal. Mas se fosse verde, roxo ou laranja, essas cores também seriam bonitas e eu ia gostar tanto delas
20 como do azul.

A Laura Moura estava a pensar em como iria convencer a mãe a deixá-la ver televisão à noite.

Passado algum tempo, a Lisa, a Júlia e o Ari continuavam a falar sobre as frases que se podiam virar ao contrário. Os outros continuavam a pensar,
25 sabem em quê?

A Mila Guerra, tendo-se finalmente lembrado que tinha dado comida aos ratinhos, não se conseguia agora recordar se lhes tinha posto água ou não.

O David Tomé estava muito intrigado, a pensar como é que a Francisca tinha tido tão boas notas a Matemática e ele tão más.

O Tiago Simões tinha decidido que era melhor ir à casa de banho.

O Tó Melo perguntava-se se devia ir ter com a Lisa e a Júlia, para saber
5 sobre o que é que elas estavam a conversar com o Ari, mas no fim decidiu não ir.

A Suki Tong estava a pensar se o cabelo não estaria demasiado comprido, apesar do pai lhe ter dito que gostava dele assim.

O Rodolfo Gama continuava a explorar a sua gruta que ia ter ao centro de
10 Marte e que ia dar a uma sala enorme.

O Lutero Batalha continuava a tentar não pensar no rato, mas a dada altura franziu o nariz e arrepiou-se todo.

O Miguel Marques decidiu que não ia atirar uma bola de papel à Laura, mas que em vez disso lhe ia atirar um aviãozinho de papel.

15 A forma do caule e das flores é linda, pensou a Ana Torres, mas as cores são horríveis. Se eu o pintar vou escolher outras cores e vai ficar muito mais bonito.

A Joana Estrela chegou à conclusão de que tinha, sem dúvida alguma, a pior família do mundo.

20 A Paula Rios estava a pensar na barba áspera do pai e na maneira como ele a costumava atirar ao ar, para depois a agarrar até ela gritar de contentamento. E ficou a pensar se algum dia o voltaria a ver.

O Marcos Horta pensava em como o mundo seria maravilhoso se não houvesse mais guerras e toda a gente pudesse ter o suficiente para comer.

25 A Maria Horta pensava em como o mundo seria bom se as pessoas não discutissem tanto.

A Francisca Madeira pensava na forma como o pai lhe tinha dito "E por-

que não?", quando ela lhe perguntara se uma mulher podia ser Presidente da República. Lembrava-se também de que, primeiro ele tinha hesitado e depois repetira "E porque não?" quando ela acrescentara "Mesmo uma mulher negra?"

5 O Alexandre Mendonça estava a pensar por que é que alguns miúdos tinham dinheiro suficiente para ir ao cinema e para comprar guloseimas e coca-colas e ele nunca tinha. Decidiu poupar algum para comprar um bilhete da lotaria. Se ganhasse, compraria um Ferrari de corrida a sério.

10 A Júlia Pontes planeava o fim-de-semana seguinte com a Lisa e a Ana, mas sem aquela horrível Joana Estrela.

A Laura Moura interrogava-se sobre o motivo porque o Tó Melo estava só a olhar na sua direcção.

O professor decidira finalmente levar o projector de slides para baixo para ver se o Sr. Vítor, o contínuo, o sabia pôr a funcionar.

15 O Ari, que tinha estado a pensar no estranho aparecimento do Guilherme, resolveu deixar de pensar no assunto e voltou a concentrar-se nos dois tipos de frases.

20 — Olhem, vejam lá se concordam com isto? — disse o Ari. — Podíamos pôr os nomes dos dois tipos de frases no quadro e depois escrevíamos os exemplos por baixo.

Nesse momento o professor entrou na sala, depois de ter encontrado o Sr. Vítor na entrada e lhe ter dado a máquina para arranjar.

O professor (que era o único que conseguia chegar ao cimo do quadro) concordou em escrever os dois tipos de frases no quadro.

25 — Eu continuo a não perceber de que é que estão para aí a falar — disse a Joana.

— Espera — respondeu a Lisa — já vais ver.

— Ora bem — disse o professor — primeira coluna, exemplos de frases que podem ser invertidas.

— "Igualdades" — disse a Lisa. — Por exemplo: "Três mais sete é igual a dez". Se a virarmos ao contrário continua a ser verdadeira. "Dez é igual a três
5 mais sete".

— Já sei! Já sei! — gritou o Miguel. — "Maior do que". Seis é maior do que dois e quando... se... vira...

Toda a gente se riu, até o Miguel.

— E se for "é irmã de"? — perguntou a Suki. — Por exemplo, se é verdadeira que "A Joana é irmã da Maria", então também é verdade que "A Maria é
10 irmã da Joana".

— Parece-me que está certo — disse a Lisa.

O professor hesitou e, logo de seguida, o Tó corrigiu:

— Não, isso não está certo, espera. A Maria é irmã do Marcos, mas o
15 Marcos não é irmã da Maria.

E voltaram todos a rir-se, embora alguns não soubessem bem porquê.

O Miguel levantou novamente o braço e disse:

— Agora descobri um exemplo. "É diferente de". Se é verdade que "Nove é diferente de cinco", também é verdade que "Cinco é diferente de nove".

20 Desta vez o Miguel foi recompensado: todos bateram as palmas e, em agradecimento, ele levantou-se e fez uma vénia e foi preciso o Alexandre, que estava sentado ao pé dele, puxá-lo para baixo.

A Laura então acrescentou:

— "Distante de", porque, se a minha casa é distante da casa da Lisa, a casa
25 da Lisa é distante da minha casa.

O professor achou que já era tempo de passarem à segunda coluna: frases que não se podem inverter.

— Como primeiro exemplo, vamos escrever a primeira sugestão do Miguel: "maior do que". Há mais?

A Suki, que continuava a pensar no exemplo que tinha dado, acrescentou:

— Se eu tivesse sugerido "é parente de" estava certo. Mas está bem, posso
5 pensar noutras frases. Que tal "é pai de"? Se o Sr. Pontes é pai da Júlia, é falso dizer que a Júlia é pai do Sr. Pontes.

— "É mais forte do que" — disse o David.

O professor concordou e escreveu "é mais forte do que" na segunda colu-
na.

10 O David começou a conversar com o Miguel e o Ari virou-se para eles:

— Vejam lá se se calam!

— Cala-te tu! — respondeu o Miguel fazendo uma careta.

O Ari não ligou e continuou a pensar nas frases que tinha escrito antes no
quadro:

15 A Francisca é mais alta do que a Laura

A Laura é mais alta do que a Júlia

— Olhem — disse o Ari — se juntarmos estas duas frases, podemos con-
cluir que a Francisca é mais alta do que a Júlia.

20 — Isso toda a gente sabe — respondeu o Miguel — a Francisca tem um
palmo a mais que a Júlia.

— O que eu quero dizer — replicou o Ari — é que se pode ver isso
quando juntamos *as duas frases*.

— É evidente — acrescentou o Tó — se 8 é maior do que 6 e 6 é maior do
25 que 4, é evidente que 8 é maior do que 4. O que é que isso tem de espantoso?

— Eu penso que o que o Ari quer dizer é que alguns tipos de relações são
transitivas como "é maior do que" e outras não — disse a Lisa.

— Eu acho que "corre mais depressa do que" é uma relação transitiva — disse a Maria — porque se eu corro mais depressa do que a Mila e a Mila corre mais do que a Ana, então é necessariamente verdadeiro que eu corro mais do que a Ana.

5 Entretanto o Alexandre sugeriu "mais rico do que" e o Tiago "mais ocupado do que". Enquanto o professor escrevia isto no quadro, o Miguel ainda acrescentou "mais estúpido do que", mas antes que ele pudesse dar um exemplo, o professor interrompeu-o:

— Já chega, Miguel. Agora dêem-me exemplos de relações intransitivas.

10 — "Filho de" — disse Francisca. — Se o Sr. A é filho do Sr. B e o Sr. B é filho do Sr. C, não é verdade que o Sr. A seja filho do Sr. C.

— "Cinco anos mais velho do que" — disse Joana — pois se eu sou cinco anos mais velha do que a minha irmã Ema e ela cinco anos mais velha do que a nossa irmã mais nova, a Isabel, não se pode concluir que eu sou cinco anos mais velha do que a Isabel.

15 — "Duas vezes mais rápido do que" — disse o Marcos. — A Maria é duas vezes mais rápida do que eu e eu sou duas vezes mais rápido do que o Miguel, mas isso não quer dizer que a Maria seja duas vezes mais rápida do que o Miguel.

20 — Queres dizer que a Maria é quatro vezes mais rápida do que eu? Estás doido! — disse o Miguel.

Desataram todos a rir porque o Miguel podia ser o melhor do Judo, mas bom corredor é que ele não era.

25 O professor decidiu então que já era altura de começar a dar matéria. Mas o Ari não conseguia concentrar-se. Continuava às voltas com as relações transitivas. Finalmente percebeu as frases que tinha apontado no bloco como "todas as aulas são interessantes" e as outras.

As Ilhas Shetland fazem parte da Escócia.

A Escócia faz parte da Grã-Bretanha.

Logo, as Ilhas Shetland fazem parte da Grã-Bretanha.

5

Ari disse para si mesmo: antigamente eu teria descoberto a resposta sem qualquer problema, mesmo sem nunca ter ouvido falar de relações transitivas. Mas agora sei como se faz, sei como podemos pegar em duas frases *transitivas* e a partir delas descobrir uma terceira. Será que as pessoas pensam assim
10 muitas vezes? E retomou o trabalho de casa. Ainda se lembrava do comentário do Tó: "E então? Para que é que isto serve?" Nesse momento sentiu-se um pouco desapontado e pensou: para que serve a matemática, a geometria, a gramática e a história? Para que servem as coisas? E teve outra ideia: se saber adicionar, subtrair ou falar correctamente era bom, saber pensar correctamente
15 também tinha de ser bom. Esta ideia entusiasmou-o tanto que só se acalmou passado algum tempo.

* * *

20 Depois de sair da escola o Tó parou no caminho para ver a casa na árvore que o Marcos e o irmão mais velho estavam a construir. Teve de subir por uma corda cheia de nós e quando chegou ao cimo sentou-se na plataforma que era larga e lhe pareceu confortável.

— Isto vai ser giro no Verão! — exclamou ele para o Marcos. — Nas férias
25 podemos vir aqui para cima brincar aos castelos. Que bela torre de observação!

E ficaram empoleirados nos ramos da árvore na brincadeira. Por fim o Tó disse:

— Marcos, contaste ao Ari o que é que aconteceu naquele dia em que lhe atiraram uma pedra?

Marcos abanou a cabeça e respondeu:

5 — Só lhe contei a verdade, que tinha visto o Guilherme. Porquê, tu sabes o que aconteceu?

— Bem — disse o Tó — tu sabes como o Guilherme se tem comportado desde que o pai morreu. Parece que não ficou muito bom da cabeça. Houve um dia em que o pai do Ari veio com ele à escola por qualquer motivo, o Guilherme viu-os juntos, e isso deixou-o um bocado revoltado. Ainda por cima,
10 nesse dia o Ari andou o tempo todo a falar de frases que são consequência de outras daquela maneira como ele fala, tu sabes, e isso irritou o Guilherme ainda mais. Eu, por acaso, estava à porta nesse momento e, quando ia a chegar ao passeio, vi o Guilherme a atirar qualquer coisa e ouvi-o dizer: "Está bem espertinho, aqui vai uma para ti". Depois disso só ouvi um estrondo.

15 — E por que é que não contaste isso ao Ari? Ele até chegou a pensar que eras *tu*.

— Tens razão, eu de facto receei que ele me tivesse visto e pensasse que tinha sido eu. E ainda esperei que ele me viesse acusar, mas como ele nunca mais me disse nada, acabei por desligar.

20 E o Tó desceu lentamente pela corda até chegar ao chão.

— Eu penso que lhe devias contar — disse o Marcos — acho que ele devia saber.

CAPÍTULO 9

O David estava sentado na carteira com a cabeça entre os braços, para que os outros não o vissem chorar, mas as lágrimas corriam-lhe pela cara abaixo, pelo nariz e pelas bochechas, formando um lago cada vez maior no tampo da mesa.

5 Nesse mês, o professor Bragança tinha ficado doente e tinha sido substituído por uma professora nova, que estava naquele momento sentada à secretária a tentar decidir o que havia de fazer com o David.

10 Nessa manhã tinha-se realizado a final dum campeonato desportivo com a participação de alunos de outros países europeus. Quando no fim hastearam a bandeira nacional e se cantou o Hino, o David não se levantou nem cantou com os colegas. Não é que estivesse mal-disposto. Tinha simplesmente recusado juntar-se aos outros durante a cerimónia e não era capaz de explicar a razão porque não o fizera.

15 Por fim, a professora resolveu mandá-lo falar com o Director de Turma. O David teve de esperar quase meia-hora, a pior meia-hora da sua vida, até que o professor o mandou entrar para o gabinete.

— Então David, qual é o problema? — perguntou-lhe o professor em tom amigável.

20 Aquelas palavras tiveram um efeito calmante sobre o David, que começou a limpar a cara com o lenço e a assoar o nariz.

— Eu não fui capaz, não fui mesmo — deixou ele escapar entre soluços — os meus pais disseram-me que não devia fazê-lo.

— Os teus pais? — perguntou o professor com um ar já mais sério. — Mas por que é que eles se opõem a que fiques em sentido diante da bandeira e cantes o Hino?

— É a religião deles, a nossa religião — respondeu o David. — O meu pai
5 esteve a mostrar-me isso ontem à noite na Bíblia. No capítulo 20 do Êxodo diz que é proibida a idolatria.

— E o que é que tu pensas que significa "idolatria"? — perguntou o professor.

— Isso foi o que eu perguntei ao meu pai e ele disse-me que era "venerar
10 imagens" e mostrou-me onde dizia: "Não terão outros deuses além de mim". E explicou-me que seria o mesmo que adorar um falso Deus.

— Mas David — respondeu o professor num tom ainda mais calmo — a bandeira nacional não é uma imagem duma coisa, mas apenas um emblema, um símbolo, e pôr-se de pé não é o mesmo do que venerar um deus ou a ima-
15 gem dum deus. É apenas um gesto de respeito por aquilo que a bandeira representa.

— E o que é que ela representa? — perguntou o David.

— Então o que havia de ser? O país, claro. Sabes isso perfeitamente.

— Sim, talvez não estejamos a adorar a bandeira, mas de qualquer modo
20 estamos a adorar o país e os meus pais opõem-se a isso, porque eles pensam que só devemos adorar Deus e nada mais — concluiu o David olhando para o chão com um ar muito infeliz.

Depois de alguns momentos de silêncio, o professor acrescentou:

— Sabes o que vou fazer, David? Tu voltas para a sala, que eu, logo que
25 possa, vou lá falar com o resto da turma sobre o assunto, uma vez que todos presenciaram o que aconteceu esta manhã e podem ter ficado um pouco intrigados.

Mas só à tarde é que o Director de Turma teve tempo para ir falar com os alunos. Quando chegou, explicou a todos o que acontecera, dizendo-lhes por que motivo os pais do David não consentiam que ele ficasse de pé diante da bandeira nacional e cantasse o Hino. E explicou também a razão porque pen-
5 sava que o respeito pela bandeira não tinha nada a ver com a religião. Quando acabou, perguntou à turma se tinha alguma opinião sobre o assunto.

O Marcos Horta pôs o braço no ar:

— O professor disse que isso não tem nada a ver com religião, mas quan-
do nós cantamos o hino e nos pomos de pé, é como se estivéssemos na Igreja a
10 cantar e isso parece-me ter alguma coisa a ver com religião — disse ele deva-
gar.

O professor respondeu-lhe que não fora ele quem inventara aquele cos-
tume. Nas cerimónias oficiais era sempre assim que se fazia e por isso, como
naquele dia tinha sido um dia especial na escola, também o tinham feito.

15 O Marcos parecia que queria acrescentar mais qualquer coisa, mas não
encontrou as palavras certas e calou-se. A Maria é que falou:

— David — disse ela firmemente — eu acho que os teus pais não têm
razão. O professor acabou de nos dizer que toda a gente faz isso e, se nunca
ninguém achou que está errado, por que é que tu não fazes o mesmo?

20 — Só porque toda a gente, ou quase toda a gente, faz uma coisa, não quer
dizer que ela esteja correcta — respondeu o David.

— Mas isto é uma norma do país — insistiu a Maria.

— Mas os meus pais ensinaram-me que as leis divinas estão em primeiro
lugar — respondeu o David em voz baixa.

25 — Eu não sei — disse o Guilherme — mas os adultos também se podem
enganar.

— A Bíblia diz que devemos respeitar os nossos pais — disse o David. —
Acham que eu estava a respeitá-los se não fizesse aquilo que a Bíblia manda?

— Olha David — interrompeu o professor — se calhar o problema está no
modo como *interpretamos* a Bíblia. Claro que os teus pais têm todo o direito
5 de fazer a sua própria interpretação, mas podem estar errados, não é verdade?

— Claro — respondeu David — mas pelo facto de estarem em minoria,
não quer dizer que tenham de estar errados. Aqueles que estão em maioria
também podem estar errados.

Então o professor procurou outro argumento:

10 — Sabes, David, há pessoas que estão convencidas que compreendem
tudo o que está escrito na Bíblia. Talvez os teus pais, tal como outras pessoas,
interpretem que a Bíblia proíbe transfusões de sangue. Agora imagina que
estavas muito doente e que morrias se não levasses uma transfusão de sangue,
achas que seria justo que os teus pais se opusessem?

15 O David mexeu-se na cadeira um pouco nervoso e respondeu embaraçado:

— Não sei, professor.

O professor percebeu que estavam a fazer progressos e continuou:

— Bem, então vais dizer aos teus pais que venham falar comigo, está
bem?

20 E David respondeu simplesmente:

— Hoje à noite eu falo com eles.

O Tó Melo não quis largar a discussão e perguntou:

— David, disseste mesmo agora que não estavas a respeitar os teus pais se
discordasses deles. É a Bíblia que diz isso ou foste tu que descobriste sozinho?

25 — Acho que fui eu que descobri — respondeu o David.

— Bem, tu já admitiste que podes estar enganado, não foi? — insistiu o
Tó.

— Claro que posso — retorquiu David hesitante.

— Bem, nesse caso não achas que não é necessariamente uma falta de respeito discordar de alguém? — perguntou o Tó.

— Não percebo aonde queres chegar — respondeu o David.

5 — Olha o professor Bragança, por exemplo. Ele até gosta que nós discordemos dele. Gosta que nós façamos perguntas sobre a matéria que está a ensinar e, se nós chegamos a conclusões diferentes das dele, continua a respeitar-nos.

10 — Isso é verdade — disse o Rodolfo Gama. — Lembram-se daquela vez em que ele nos disse que nas aulas devíamos competir com as ideias tal como competimos no desporto ou nos jogos? Eu acho que, de certa maneira, o professor Bragança até se sente honrado se nós discordamos dele.

15 — É isso mesmo meninos, acho que as coisas estão a ficar mais claras — disse o professor. — Sabes David, eu não te estou a aconselhar a fazer nada que seja contra os teus princípios religiosos, nem quero que discordes dos teus pais, mas quando falares com eles hoje à noite podias tentar fazer-lhes ver que não estarias a desrespeitá-los pelo facto de fazeres aquilo que achas que está certo.

20 O David ficou calado mas o Miguel Marques não parava de acenar com o braço até que o professor o deixou falar.

— Mas professor, isso dá para os dois lados.

— O que é que dá para os dois lados? — perguntou o professor Pascoal.

25 — Quer dizer — acrescentou o Miguel — se os pais do David se devem sentir honrados por ele discordar deles, então o professor devia sentir-se igualmente honrado por nós discordarmos de si. E, por isso, quando fazemos qualquer coisa que vai contra o que toda a gente diz, se conseguirmos explicar

porque pensamos que aquilo que fazemos está certo, então não estamos a desrespeitar ninguém.

— Mas imagina que o que fizermos pode magoar alguém. O que é que achas que devemos então fazer? — quis a Maria saber.

5 — Eu não disse que podíamos magoar alguém — protestou o Miguel. — Mas imagina um caso como este, que temos de nos pôr em pé durante uma determinada cerimónia. Ora, se eu pensasse que não devia fazê-lo e, no entanto, as pessoas me obrigassem a isso, elas estariam a magoar-me a mim muito mais do que eu a elas.

10 — Sabes Miguel — disse o professor — há certas coisas que as outras pessoas esperam de vocês, e aqui na escola não estaríamos a cumprir o nosso dever se não tentássemos mostrar-vos isso. Nós tentamos formar bons cidadãos porque a sociedade espera que vocês sejam bons cidadãos quando saírem da escola. Eu sei que não é fácil aceitar este facto, tal como não é fácil tomar
15 um remédio amargo. Mas do mesmo modo que têm de tomar os remédios para serem mais saudáveis, também têm de aceitar o que vos digo se querem ser melhores.

O Ari não resistiu a fazer um comentário dos seus:

— Ó professor, o Miguel e o Tó não estavam a pedir ao professor que fizesse o que era melhor para *elas*, mas o que era melhor para toda a gente.

— Referes-te à liberdade de se poder fazer o que se quer? — perguntou o professor num tom de voz mais sério.

— O que eu quero dizer é que as crianças precisam de ser livres para pensar por si próprias tal como os adultos, ou até mais.

25 — Está certo — disse o professor — reparem, no caso do David eu podia ter tentado resolver o assunto só com ele, mas em vez disso trouxe-o para a aula para o discutirmos aberta e livremente. Não é isso que vocês querem?

— Já é um começo — respondeu o Ari.

CAPÍTULO 10

A conversa já era tanta que a professora teve de bater quatro vezes na secretária para os miúdos ficarem calados. O Tó tinha o dedo no ar.

— O que foi Tó? — perguntou a professora.

— Professora — respondeu o Tó, daquela maneira muito séria que ele
5 tinha de falar — muitos de nós têm uma opinião acerca do que se está a passar com o David. Não podíamos discutir isso agora na aula, em vez de ter uma aula como as do costume?

— Tenho muita pena, eu sei que muitos de vocês continuam a pensar no assunto, mas temos um trabalho de português para acabar e acho que é melhor
10 continuarmos com ele.

Então o Ari interrompeu:

— Mas podia na mesma servir como trabalho de português. Por que é que a professora não faz de conta que é um árbitro ou qualquer coisa assim e vai criticando a forma como nós nos exprimimos?

15 — É uma boa ideia Ari, mas eu posso corrigir a vossa maneira de se exprimirem quando fizerem o trabalho de casa.

— Então — continuou o Ari sem desarmar — por que é que não critica o modo como raciocinamos ? Nós damos as nossas opiniões e a professora diz-nos se estamos a pensar bem ou não.

20 A professora suspirou:

— E é só hoje?

— Só hoje — responderam o Tó e o Ari em coro.

— Então está bem — concordou a professora, fechando o livro de ponto — quem é que quer começar ?

E, para surpresa de todos, foi a Mila quem falou em primeiro lugar:

— Eu acho que o David se devia ter posto em sentido e cantado o Hino
5 como toda a gente.

— Porquê ? — quis saber a professora.

— Porquê ? — repetiu a Mila.

— Sim, porquê Mila? Não basta dares apenas a tua opinião. Tens de dizer a razão por que pensas desse modo. Todos podem ter a sua opinião, mas eu
10 não posso dizer se estão a raciocinar bem ou mal se não me disserem por que pensam dessa maneira.

A Mila olhou ansiosa para a professora e acrescentou:

— Mas eu acho que não tenho nenhuma razão, é o que eu sinto.

— Bem, então quando descobrires *por que é que* sentes isso, não te
15 esqueças de nos dizer. Quem é o seguinte?

— Eu digo já qual é a razão — acrescentou o Guilherme. — O mundo inteiro está a atravessar uma crise. Acontecem toda a espécie de coisas. É como um barril de pólvora, basta uma faísca e dá-se uma explosão. Por isso, eu penso que não se deve deixar as pessoas fazer simplesmente o que lhes
20 apetece.

A professora não respondeu logo, pois tinha de ter em consideração as observações do Guilherme. Finalmente acrescentou:

— Olha Guilherme, ao princípio eu achei que tu tinhas um bom argumento para pensares dessa maneira, mas quanto mais penso nele, mais acho que não é
25 correcto. Porque, de facto, tu não estás a tentar *convencer-nos* a concordar contigo, tu estás apenas a tentar *assustar-nos*. Primeiro afirmas que estás alarmado com a situação mundial e, em seguida, dizes que é por isso que o

David se devia ter posto em sentido. Mas não se pode concluir isso, tu não provaste nada. Tu não provaste que ia tudo explodir pelo facto de o David não se ter posto em sentido para cantar o Hino.

5 A turma não estava muito desiludida com as críticas que a professora fizera, porque já estavam habituados a que ela fosse exigente quando se tratava de gramática.

Quem falou a seguir foi a Júlia:

— Eu penso que o David deve pôr um pouco de lado aquilo em que acredita, porque ... porque é o que o meu irmão diz e ele lá sabe porquê.

10 — O que é que queres dizer com isso de "ele lá sabe porquê", Júlia? O teu irmão é algum advogado ou juiz ou alguma autoridade? — perguntou a professora.

— Não, mas ele é incrivelmente esperto — replicou a Júlia.

15 — Bom, eu acho que isso não é razão. Tu só deves usar a opinião de alguém como argumento para justificar o teu ponto de vista, se essa pessoa for uma autoridade reconhecida no assunto em questão.

Embora não tivesse ficado lá muito contente com o comentário da professora, a Júlia não se atreveu a dizer mais nada.

20 A Suki Tong disse que achava que o David se devia ter levantado porque "regras são regras".

A professora teve novamente de fazer uma pausa para reflectir antes de responder e, por fim, disse:

25 — Sabes Suki, eu vou aceitar a tua sugestão, embora tecnicamente ela não esteja muito bem formulada. O que eu quero dizer é que uma afirmação dessas como "regras são regras" vulgarmente não significa muito. É como dizer "papel de parede é papel de parede" ou "uma pedra é uma pedra". Mas às vezes torna-se uma expressão familiar com um significado específico que toda

a gente entende, como "trabalho é trabalho". Neste caso, parece-me que o que tu queres dizer é que se fazemos as regras devemos respeitá-las. Por isso eu diria que está certo.

Agora era o Miguel que tinha o braço no ar.

5 — Não, as regras são feitas para serem transgredidas. Não conhecem a frase "não há regra sem excepção"? O caso do David é a excepção! É por isso que eu penso que o David não tem nada que ficar em sentido se não quiser.

A professora parecia um pouco atrapalhada, mas disse:

10 — Está bem Miguel, eu acho que, se deixei a Suki usar uma expressão idiomática como justificação, tenho de te deixar fazer o mesmo. Mas continuo a pensar que é uma desculpa muito fraca para servir de razão justificativa.

O Miguel ficou tão ofendido, que a Laura se começou a rir tapando a boca com as mãos.

A seguir falou o Tó:

15 — Talvez o Miguel não se tivesse explicado lá muito bem, professora, mas eu acho que o que ele disse não está assim tão mal como parece.

— Porquê Tó?

20 — Acontece que muitas vezes dizemos que uma coisa é sempre verdadeira e sabemos que de facto não é, quer dizer, sabemos que há excepções mas falamos como se elas não existissem. Por exemplo, eu digo uma frase como "todas as madeiras flutuam", embora saiba que o ébano não flutua.

— O que é o ébano? — perguntou a Joana.

— É uma revista qualquer — respondeu o Lutero em voz alta.

— Não, é uma qualidade de *madeira* — corrigiu o Tó.

25 A professora interveio:

— Estamos a afastar-nos do assunto inicial. Quem é o próximo?

O Alexandre raramente falava na aula, mas desta vez tinha tido uma ideia e começou a falar com a sua voz arrastada:

— Parece-me que continuamos a esquecer-nos duma coisa. Nós não escolhemos vir à escola e também não escolhemos a nossa religião. São coisas que já nascem connosco.

— Se isso é assim — interrompeu o Guilherme — também não escolhemos os nossos pais!

— E também é por isso — acrescentou a Joana — que nem sequer escolhemos nascer.

A professora bateu com o lápis na mesa.

— Por favor, deixem o Alexandre acabar o que estava a dizer.

10 — Não faz mal — disse o Alexandre — eles só estavam a querer ajudar-me. O que eu estou a tentar explicar é que, às vezes, nós não nos importamos que nos digam o que devemos fazer e outras vezes não gostamos nada, percebem? Por exemplo, daqui a uns anos eu tenciono entrar para a Força Aérea e vou ter de fazer aquilo que me mandarem. Se me mandarem saltar, eu salto e
15 se me mandarem fazer outras coisas, também faço. Mas, o mais importante é pertencer à Força Aérea porque quero. Isso não quer dizer que goste de fazer aquelas coisas todas, mas, uma vez que escolhi pertencer à Força Aérea, tenho de as fazer.

— É uma ideia interessante, Alexandre, mas o que é que tu queres dizer com isso? — perguntou a professora.

O Alexandre encolheu os ombros:

— Não sei, quer dizer, eu sei mas não consigo explicar melhor.

Então o Tó disse:

— Eu penso que compreendi o que ele quis dizer. Quando pertencemos a
25 um grupo de livre vontade, temos mesmo de fazer o que o grupo quer, mas quando somos membros dum grupo ao qual não escolhemos pertencer, nesse caso, não devíamos ser obrigados a fazer coisas com as quais não estivéssemos de acordo.

— Podes explicar melhor o que é que isso tem a ver com o caso do David?

— perguntou a professora

— Quer dizer que se o David não escolheu pertencer àquela religião, não devia ter de fazer coisas com as quais não concordasse.

5 — Claro — aprovou o Marcos — mas também quer dizer que se ele não vem à escola de sua livre vontade, não devia ter de fazer o que aqui lhe mandam, quando se trata de uma coisa que pensa que não está certa.

A Joana olhava admirada para os três rapazes:

10 — E isso também é válido no caso da nossa família? Afinal de contas, não escolhemos os nossos pais, como disse o Guilherme.

— Eu penso — acrescentou a Francisca — que tudo isto se resume a uma questão de confiança. Eu concordo com a maioria das coisas que eles disseram, mas confio na minha própria família. Nós não a escolhemos, mas os nossos pais escolheram-nos e gostam muito de nós. Com os estranhos é diferente.

15 — Mas eu confio em muitos estranhos e há famílias que são horríveis — acrescentou a Joana.

— Claro — replicou a Francisca — mas então são como a Força Aérea do Alexandre, tu fazes o que eles querem porque queres continuar a pertencer ao grupo.

20 A professora reflectiu sobre tudo o que se tinha dito e comentou:

— Realmente, eu nunca tinha pensado nas coisas desta maneira. Muito obrigada a todos.

CAPÍTULO 11

Como a campainha ainda não tinha tocado, a professora sugeriu que arrumassem todos o material que tinham espalhado pelas carteiras no tempo que faltava para acabar a aula. Enquanto o faziam cada um ia pensando:

5 *Mila Guerra:* Imaginem, a professora a dizer que aprendeu alguma coisa *connosco!* Eu nunca tinha ouvido um adulto dizer isto. Sempre que pergunto qualquer coisa ao papá ou à mamã, eles já têm a resposta pronta antes de eu acabar de fazer a pergunta. É curioso... no momento em que a professora disse aquilo, eu senti-me mais gente. Senti-me como se me conhecesse um pouco melhor! Porque será?

10 *Tiago Simões:* Estou contente por o David ter faltado hoje. Ele ia ficar atrapalhado se nos ouvisse a falar dele como falámos. Como é que eu me havia de sentir se estivesse na aula e estivessem todos a falar sobre mim?

15 *Tó Melo:* Em matemática é tudo tão exacto, tão perfeito! Não há contradições, por isso não há razões. Mas no mundo real há sempre alguém a dizer o contrário de outra pessoa. E realmente não consigo pensar num único exemplo que eu conheça que seja absolutamente verdadeiro! Apetecia-me que tudo no mundo fosse tão simples, claro e verdadeiro como a matemática.

20 *Guilherme Bento:* Eu nem acredito quando ouço estes miúdos todos a falar sobre os seus direitos. O meu pai costuma dizer que não há direitos mas deveres. E qual é o mal? Eu não me importo de ficar em sentido a saudar a bandeira. Eu até gosto da bandeira. E fico todo arrepiado só de pensar que vou cantar o Hino Nacional. As pessoas *deviam* amar o seu país tal como deviam

amar a sua casa e os seus pais. Nós até lhe chamamos "pátria", não chamamos? Portanto, ela é como um segundo pai para nós. Eu era incapaz de fazer o que quer que fosse que mostrasse desrespeito para com os meus pais, por isso, não entendo como é que alguém quer mostrar desrespeito pelo seu país, recusando-se a ficar em sentido enquanto canta o Hino.

Suki Tong: A Ana Torres é uma rapariga muito simpática! Até me mostrou um desenho que tinha feito do vaso de flores que está na janela e eu também lhe mostrei a poesia que tinha escrito sobre a chuva a bater no vidro. Depois de ela a ter lido, eu li-a vezes sem conta para mim própria. Não sei bem porquê, mas quando alguém de quem se gosta lê uma poesia nossa e diz que gosta dela, a poesia parece mais fresca depois. Por que será?

Rodolfo Gama: Como será estar morto? Isto é ridículo. Quando se está morto não se sente nada. Nem sequer consigo imaginar alguém que eu conheça morto, como o pai do Guilherme, mesmo sabendo que era o que dizia no telegrama. Mas eu aposto em como ele não morreu, porque não consigo imaginar como seria ele estar de facto morto.

Lutero Batalha: Uma vez o David perguntou-me: "Ó Lutero, como é que tu te sentes por ser negro?" E eu respondi-lhe: "Ó David, como é que tu te sentes por ser branco?" Ele riu-se e respondeu-me: "É a mesma coisa, não é?" Mas não é a mesma coisa. Se eu fosse baixo ou gordo seria uma pessoa diferente e eu não consigo sequer imaginar-me baixo e gordo. Acho que sou negro da mesma maneira que sou alto e magro. Ou talvez seja negro do mesmo modo que sou português.

Miguel Marques: O que é que me interessa se a Laura fala com o Tó ou não? Não quero saber disso para nada!

Ana Torres: Ao princípio eu não compreendia a Suki, não sabia interpretar a expressão dela. Cheguei a pensar que ela tinha um segredo, mas agora já sei

o que é. Ela sente as coisas como eu. Quando li a poesia dela foi como se ela me tivesse estendido a mão.

Joana Estrela: Detesto estar num sítio onde sei que não me querem. Se eu me casasse agora, podia ir-me embora, mas ainda sou muito nova para me casar ou para ir para a Universidade. Adoro a escola, especialmente estudar Biologia. Não é engraçado? Se calhar vou ser médica.

Marcos Horta: O professor Santos é bestial. Gosto imenso da maneira como ele fala connosco. Ele tem muita coragem, não tem medo de nada. Era assim que eu gostava de ser, capaz de pensar por mim mesmo e de saber cuidar de mim. Assustaram tanto o David com aquela conversa toda sobre religião e sobre qual era o dever dele. Mas a *mim* nunca me vão fazer acreditar naquelas histórias.

Maria Horta: O Marcos é incrível! Em casa está sempre calado que nem um rato, mas na escola é o máximo! Ou, pelo menos, quer que todos pensem isso dele. Pergunto a mim própria porque será. Os irmãos dos outros também serão assim?

Francisca Madeira: Eu confio no professor Santos e também confio na professora Alda. Mas será que confio no professor Pedro? Não tenho bem a certeza. Acho que só confiar não chega. Temos de ser capazes de explicar por que motivo pensamos como pensamos, como disse a professora de Português. Mas quando chegasse esse momento, o professor Pedro de certeza que teria dito: "É assim porque foi assim que o Conselho Directivo estipulou". E se perguntássemos aos pais do David, tenho a certeza de que eles iriam dizer: "É assim porque é o que diz na Bíblia". Mas não há sempre motivos para tudo o que nos mandam fazer? E quando nos mandam fazer qualquer coisa sem nos dizerem a razão, que razão temos *nós* para a fazermos? Estou confusa.

Alexandre Mendonça: Acho que não tenho de dizer a ninguém que tenho medo de entrar para a Força Aérea. Às vezes imagino como vou sentir-me orgulhoso de lá estar. Ao fim e ao cabo, eles são "os maiores". Ou, pelo menos, estão sempre a dizer que são. Por isso, que direito tenho eu de duvidar deles? Mesmo assim, tenho medo.

Júlia Pontes: O Marcos Horta irrita-me. Não há nada que o satisfaça. Torce o nariz a tudo. Se eu lhe digo que gostei da aula de Ciências faz uma careta, se lhe digo que gostei do fim-de-semana, faz uma careta. Por que é que ele nunca consegue apreciar o lado bom das coisas? Tenho a certeza de que as pessoas tentam apenas fazer o melhor que podem e também tenho a certeza de que a maneira como as coisas são é a melhor possível. Excepto o Marcos, é claro.

Laura Moura: Eu sou muito engraçada. O meu pai e a minha mãe estão sempre a dizer: "Laura, lava os dentes. Laura, lava a cara. Laura, penteia-te!" E eu que detesto fazer estas coisas e que me mandem fazê-las. Mas quando brinco com as minhas Barbies, lavo-lhes a cara e penteio-lhes o cabelo, porque não quero que ninguém pense que trato mal delas.

Lisa Teixeira: Quando os mais crescidos disseram que eu parecia uma chinesa, corri para a casa-de-banho e olhei-me ao espelho: nariz arrebitado e olhos em bico. Têm razão! E tenho os dentes saídos. Bem, mas esses posso endireitá-los. É curioso, eu nunca me tinha preocupado com o facto das pessoas me acharem bonita ou não. Mas no outro dia a minha avó disse: "Nunca avalies um livro pela capa". Eu lembrei-me logo que livros e pessoas são parecidos num certo sentido: estão cheios de pensamentos. Será uma tolice? De qualquer maneira tenho a certeza de que os espelhos mentem. Eles não mostram como nós realmente somos.

Aristóteles Maia: A professora de Português fez-me compreender uma coisa. Quando os miúdos não estão a raciocinar correctamente na aula, ela dá imediatamente por isso. Ela nunca finge que sabe a verdade, mas não hesita um momento quando tem de dizer a alguém que o seu pensamento está mal formulado. Por isso, penso que estava enganada ao esperar que aparecesse alguma ideia que resolvesse o problema do David para ficarmos todos muito contentes. O que eu posso fazer é tentar encontrar a diferença entre pensar bem e pensar mal, como um árbitro que está fora de campo, mas que sabe a diferença entre um deslize e um empurrão propositado.

10 Nessa noite a Suki disse ao pai:

— Hoje tivemos uma discussão na escola sobre estar ou não em sentido a cantar o Hino Nacional. Eu disse que todos deviam estar de pé, porque regras são regras.

— Hum — fez o pai — acho que não estou lá muito de acordo contigo.

15 — Não estás? — perguntou a Suki surpreendida. — Então porquê?

— É que está legislado que as pessoas que não querem pôr-se em sentido nem cantar o Hino por razões de consciência devem ser dispensadas de o fazer. É um direito constitucional.

20 — Ó pai, mas a questão é: *todas* as pessoas têm de ficar de pé enquanto se canta o Hino?

— Parece-me que nem isso, mas não tenho bem a certeza.

— Que maçada — suspirou a Suki — se ao menos se encontrasse uma solução...

— Por que é que dizes isso?

25 — É que ouvi esta tarde o boato de que o David ia para outra escola.

CAPÍTULO 12

Fazia uma semana que o David se tinha ido embora. Os colegas da turma já se tinham esquecido do incidente e raramente falavam dele.

Lisa comentou o facto com o Ari.

— Ninguém falou mais do David. Até parece que ele fez alguma coisa de
5 mal.

— Mas afinal, o que é que há para dizer? — perguntou o Ari.

— O problema não está em saber o que é que há para dizer — insistiu
Lisa. — O que eu pergunto é por que é que ninguém quer falar disso.

— E qual é a tua opinião?

10 — Eu acho — disse a Lisa hesitante — que estamos envergonhados, é o
que é.

— Porque não fizemos nada para o ajudar? Eu não sei o que é que
poderíamos ter feito. O que eu penso é que estamos envergonhados da nossa
maneira de pensar sobre as coisas. Se as pessoas soubessem bem as conse-
15 quências de pensarem como pensam, talvez não praticassem más acções de
forma tão precipitada.

— Tens razão — disse o Ari. — Eu concordo contigo e sinto-me envergo-
nhado. A dificuldade do problema não esteve só em ter sido mal posto, mas no
facto de ser demasiado complexo para eu poder pensá-lo com clareza.

20 Lisa abanou a cabeça.

— Tu estás sempre a insistir connosco para que pensemos sobre a maneira
correcta de pensar e eu acho que isso é muito importante. É por isso mesmo

que tu não tens que te sentir tão mal como nós, porque de certa maneira já estás a contribuir para melhorar as coisas.

O Ari ficou contente com o elogio da Lisa, mas como não gostava muito de falar dos seus sentimentos, apenas disse:

5 — Sabes, Lisa, o problema é que ainda não chegámos a nenhuma conclusão depois destas semanas todas.

Pegou no caderno, que estava já um pouco estragado, e abriu-o na página onde, semanas antes, tinha anotado os quatro exemplos que o professor de Matemática tinha escrito no quadro:

10

| | |
|--|---|
| Todas as disciplinas são interessantes | Algumas disciplinas são interessantes |
| Nenhuma disciplina é interessante | Algumas disciplinas não são interessantes |

Ari olhou irritado para a folha:

15 — O que é que podemos concluir disto tudo? — perguntou.

— Bem — disse Lisa — lembras-te daquelas frases que tu conseguiste inverter? Por que é que não experimentas agora escrevê-las numa coluna aí ao lado?

— Mas só conseguimos fazer isso com uma — objectou o Ari.

20 Lisa examinou as quatro frases.

— Sim, já me lembro — disse ela — a segunda podia ser invertida. Mas por que é que não se podia inverter a terceira? Se algumas disciplinas são interessantes, então algumas coisas interessantes são disciplinas.

— Hum — disse o Ari. — Pode ser! E fez duas colunas no bloco-notas
25 assim:

Frase original
(considerada verdadeira)

Frase invertida

Todas as disciplinas são interessantes

Nenhuma disciplina é interessante

5 Algumas disciplinas são interessantes

Algumas disciplinas não são interessantes

Nenhuma coisa interessante é disciplina

Algumas coisas interessantes são disciplinas

— Por que é que pões uma linha picotada aqui no fim? — quis saber a Lisa.

10 — Estou cá a pensar — respondeu o Ari. — Olha, deixa-me dar-te um exemplo diferente. A frase "Alguns animais não são leões" é verdadeira, não é?

— É — disse a Lisa.

— Mas se a inverteres o que é que obténs? — perguntou o Ari.

15 — Ah, estou a perceber — disse a Lisa — fica "Alguns leões não são animais", mas sabemos bem que isso não é verdade. E ainda te lembrás que descobrimos que de frases verdadeiras só se podem obter frases verdadeiras?

— Olha lá — continuou o Ari — quando dizemos que uma frase *não* é verdadeira, isso quer dizer que ela é *falsa*, não é?

20 — Sim, também podes dizer isso, mas quando eu afirmei que a frase não era verdadeira, estava a pensar numa coisa um pouco diferente. Quando uma pessoa diz que uma coisa é verdadeira e outra afirma que é falsa, isso é uma *contradição*.

25 — Então vê — disse o Ari — o oposto de "Algumas coisas interessantes são disciplinas" é "Algumas coisas interessantes *não são* disciplinas".

Ari ficou a pensar no que tinha acabado de dizer e acrescentou:

— Isto *não pode* ser.

— Porquê?

— Como diz o Miguel, vou dar-te um exemplo — disse o Ari sorrindo.

— Não me fales do Miguel — interrompeu Lisa. — Ele no outro dia disse-me que tinha crescido e nascido no Porto. Acho que ele não sabe distinguir lá muito bem o que é que está primeiro, se é crescer ou nascer.

5 — Bem, mas voltemos ao meu exemplo — atalhou o Ari. — Imagina que eu afirmo que todas as madeiras flutuam. Se me quisesses contradizer, bastava encontrar um tipo de madeira que não flutuasse, não é?

— O ébano — disse a Lisa.

10 — Claro — disse o Ari — o ébano não flutua, é um facto. Mas a frase que contradiz "Todas as madeiras flutuam" é "Algumas madeiras flutuam". Porque se existir uma madeira que não flutue então a frase "Algumas madeiras não flutuam" é verdadeira e a frase "Todas as madeiras flutuam" é falsa.

15 — Bem, se isso for verdade — disse a Lisa — então há frases que contradizem todas as nossas frases originais. A contraditória de "Todas as disciplinas são interessantes" seria "Algumas disciplinas não são interessantes". E a contraditória de "Nenhuma disciplina é interessante" seria ...

Ari completou o seu pensamento:

— "Nenhum" é como "Todos". É contraditório de "Alguns". Por isso tens de dizer "Algumas disciplinas são interessantes".

20 — Isto é bestial — exclamou Lisa. Vamos fazer outra coluna.

E escreveu no caderno:

| <u>Frases originais</u> | <u>Frases contraditórias</u> |
|---|---|
| Todas as disciplinas são interessantes | → Algumas disciplinas não são interessantes |
| 25 Nenhuma disciplina é interessante | → Algumas disciplinas são interessantes |
| Algumas disciplinas são interessantes | → Nenhuma disciplina é interessante |
| Algumas disciplinas não são interessantes | → Todas as disciplinas são interessantes |

— Que engraçado — disse o Ari quando ela acabou de escrever. — As contraditórias estão precisamente ao contrário das originais. Quer dizer, se lermos a coluna das frases contraditórias de baixo para cima, ela é igual à coluna das frases originais se a lermos de cima para baixo.

5 — Mas isso é incrível! — gritou a Lisa. — Tive uma ideia, Ari! Por que é que não damos um nome a cada tipo de frases? Não, tive uma ideia ainda melhor. Vamos atribuir a cada tipo de frase uma letra. Podemos usar as vogais do alfabeto. Às frases começadas por "Todas as coisas são ..." chamamos frases do tipo *A*, às começadas por "Nenhuma coisa é ..." frases do tipo *E*, às que
10 começam por "Algumas coisas são ..." frases do tipo *I* e as que começam por "Algumas coisas não são ..." podem ser do tipo *O*.

— Mas que ideia genial, Lisa — concordou o Ari. — Assim já não temos de dizer a frase toda quando estamos a falar disto. Podemos só dizer que *A* e *O* se contradizem e que *E* e *I* também. E só temos de dizer isto em vez de
15 escrever as frases todas.

Nesse momento, sem saber porquê, Lisa lembrou-se daquele dia em que o David disse que não voltaria mais. Ninguém tinha dito nada, porque não sabiam o que haviam de dizer. O Ari tinha procurado nos bolsos uma ferradura da sorte que o pai lhe tinha dado há dois anos e tinha-a posto em cima da carteira do David. O David tinha quase rebentado em lágrimas e o Ari chegou a
20 pensar que ele se ia levantar e sair a correr da aula, mas ele continuou sentado. Logo a seguir, a Lisa deu-lhe o berloque favorito da sua pulseira e a Francisca deu-lhe o travessão de madeira. E um por um, todos lhe foram dando qualquer coisa.

25 Então, já menos envergonhado, o David tinha começado a guardar as coisas nos bolsos da camisa e das calças. Depois de receber o último presente, o da Míla Guerra, que primeiro tinha pensado dar-lhe um ratinho, mas depois

resolveu dar o anel que tinha trocado por umas pastilhas elásticas, o David dirigiu-se silenciosamente para a porta, voltou-se para dizer adeus e saíu.

A partir desse dia a Lisa percebeu como os colegas eram importantes para ela. A experiência por que tinham passado não tinha sido nada agradável, mas
5 ela sentia que agora gostava mais do que nunca dos colegas.

Gostava de saber porquê, pensou Lisa, porquê?

* * *

10 — És tu, Martinho? — perguntou a D. Vitória da cozinha.

— Sou eu sou, mãe — respondeu ele. — Viste o Lutero?

— Não o vejo desde que saíu para a escola de manhã, mas ele costuma chegar a esta hora.

Nesse momento entrou o Lutero num estado lastimável. Ele tinha a camisa
15 rasgada no ombro, que estava todo esfolado e ensanguentado, e a roupa estava toda enlameada.

— Mas o que é que te aconteceu? Andaste a brigar ou quê? — perguntou-lhe Martinho, pois o irmão estava ofegante, como se tivesse vindo a correr todo o caminho.

20 — Não foi isso. Fui apanhado por um carro.

— Vem cá e deixa-me ver o teu ombro — disse a mãe.

— Isto não é nada, é só um arranhão — respondeu o Lutero — mas a minha bicicleta ...

A voz tremeu-lhe e não conseguiu continuar.

25 — Como é que isso aconteceu? — perguntou-lhe o irmão.

— Sabem — disse o Lutero enquanto a mãe o ajudava a despir a camisa

— eu vinha na Rua Principal a caminho de casa e, quando ia a chegar ao cruzamento, vi um carro que vinha muito depressa. Pensei que ele ia parar, porque há um STOP daquele lado e eu passo sempre à vontade. Como os carros ali páram sempre, eu continuei a pedalar, e, quando percebi que o palerma que
5 ia a conduzir não tencionava parar, já o pára-choques traseiro me tinha apanhado a roda da frente da bicicleta e quase a tinha arrancado. Fui atirado até ao outro lado da rua e ia batendo num poste.

— Oh Lutero! — disse a mãe — Eu bem te digo para teres cuidado.

— Eu *fui* cuidadoso, mãe — respondeu o Lutero — mas como é que eu
10 podia adivinhar que aquele doido ia passar o STOP sem parar?

— Pensa lá bem — interrompeu o irmão — tu próprio disseste que *todos* os carros páram quando chegam ao cruzamento com a Rua Principal, mas o carro que te bateu não parou, por isso estavas enganado. Nunca podemos ter a certeza do que os outros vão fazer.

15 De repente, Lutero lembrou-se da conversa que tinha tido nesse dia. O que é que tinham dito? Alguém dissera que todas as madeiras flutuavam e então a Lisa acrescentara que o ébano não flutuava e que, por isso, a frase "Todas as madeiras flutuam" era falsa. Se dissermos "Todas" basta haver uma excepção para que a frase esteja errada.

20 Agora tinha-lhe acontecido justamente isso. Ele tinha pensado que todos os carros paravam no cruzamento, mas como aquele não tinha parado, logo *não* era verdade que todos parassem apesar de o deverem fazer. Se eu soubesse disso, podia ter sido um pouco mais cuidadoso e ter abrandado quando vi que ele vinha tão depressa.

25 — Tens de ter cuidado com esses condutores malucos disse-lhe o irmão num tom amigável — nem que seja só um.

É mesmo, pensou o Lutero para consigo, basta um...

* * *

O Ari e o Marcos passaram a tarde a brincar na casa da árvore. Quando começou a chover, o Marcos foi a casa buscar dois guarda-chuvas e ficaram
5 ainda mais um bocado na árvore, todos felizes por estarem protegidos do forte aguaceiro. Mas estava a fazer-se escuro e como parecia que a chuva não ia parar tão depressa, o Marcos emprestou um guarda-chuva ao Ari e este foi para casa.

No caminho encontrou o Guilherme que estava na ombreira duma porta,
10 procurando abrigar-se da chuva. Quando o Ari se aproximou, o outro escondeu-se, mas o Ari percebeu que ele estava com um ar triste e não parecia zangado. Ao chegar ao pé dele, o Ari fechou o guarda-chuva e perguntou-lhe directamente:

— Por que é que me atiraste aquela pedra no outro dia?

15 O Guilherme não respondeu. Encolheu os ombros e continuou a olhar para a chuva. Embora ele fosse muito mais alto e mais forte que o Ari, este sabia que naquele momento o Guilherme não estava interessado em brigar.

Ainda ali ficaram algum tempo sem dizer nada. O Ari não sabia bem por que é que não conseguia ir-se embora. A chuva começou a diminuir, até que só
20 caíam uns pingos.

— Vais para casa? perguntou o Ari.

— Não tenho lá nada para fazer — disse o Guilherme.

O Ari pensou um pouco e então disse-lhe:

— Eu ia pedir aos meus pais se podia convidar uns colegas para dormirem
25 lá em casa amanhã. Queres ir também?

Guilherme olhou para o Ari e, sem dizer nada, fez que sim com a cabeça.

CAPÍTULO 13

O Ari tinha a certeza de que a mãe não ia concordar. Da última vez que ele tinha levado uns amigos lá para casa, as coisas tinham corrido mal.

Tudo começou quando os pais receberam um telefonema da avó e tiveram de sair por algum tempo. Até esse momento não se tinha passado nada de especial: o Rodolfo estava a brincar com a colecção de monstros do Ari, o Tiago via televisão a um canto da sala, enquanto o Marcos ouvia um disco. Quando o Rodolfo deixou cair um dos bonecos no chão Ari suspeitou que ele tinha feito de propósito. Não tardou que estivessem os dois a atirar almofadas um ao outro, meio a brincar meio a sério.

10 Como os três colchões estavam no chão ao lado da cama do Ari e eles não tinham espaço para correr à volta, tinham de o fazer em cima dos colchões e da cama. O Rodolfo tinha posto os óculos em cima da cómoda, mas com a brincadeira eles foram parar ao chão e esmigalharam-se. O Rodolfo ficou chateado — nem queria pensar no que é que o pai lhe ia dizer no dia seguinte!

15 — e atirou com a almofada à cabeça do Ari com toda a força que tinha. A almofada rasgou-se e a espuma espalhou-se toda pelo quarto. Não satisfeitos com isso, os rapazes foram buscar mais almofadas e continuaram a batalha. No meio de tanta espuma e confusão, o Tiago mal conseguia ver e ouvir o programa, mas continuou impávido a olhar para a televisão.

20 De repente o Marcos, que estava descalço, cortou o pé num pedaço de vidro e começou a correr pela casa, espalhando pingos de sangue vermelho e brilhante na alcatifa clara do chão. Foi nessa altura que os pais do Ari chegaram.

O único comentário do Sr. Maia foi:

— Será que o gato *também* vomitou?

A D. Sofia tratou do pé do Marcos e mandou os rapazes para a cama. No fim disto tudo, quando as coisas já pareciam calmas, o gato acabou mesmo por vomitar na alcatifa.

Era por isso que o Ari esperava que a mãe dissesse "Não" mas, em vez disso, ela apenas perguntou quem é que ele ia convidar. O Ari tinha decidido que, se ela deixasse, seria aconselhável convidar outros amigos e disse:

— O Tó, o Guilherme, o Miguel e o Lutero.

10 Para seu espanto, a mãe respondeu-lhe que estava bem.

Foi uma noite sossegada e em que conversaram muito. Falaram sobre as motas que gostariam de ter, sobre os filmes que já tinham visto e os que tencionavam ver, falaram sobre os professores, sobre os pais, sobre aquilo que a Joana tinha segredado ao ouvido do Miguel e sobre uma coisa que o Alexandre tinha mostrado ao Lutero às escondidas. Falaram exageradamente sobre as suas habilidades na natação e o Miguel chegou a afirmar que era capaz de guiar um automóvel. Passaram ainda bastante tempo, talvez meia-hora, a discutir acerca da origem do homem.

20 — Bem, tu não pensas que vêm do nada, pois não? — perguntou o Tó. As coisas não vêm do nada.

— Espera aí — objectou o Miguel — já que és tão esperto, diz lá de onde vem o mundo!

— Foi feito por Deus — disse Lutero. — Na Bíblia diz que no princípio Deus fez o céu e a terra.

25 — O professor Bragança disse que a Terra e os outros planetas fizeram em tempos parte do Sol — replicou o Miguel.

— Mas isso é a Terra e não o Universo — respondeu o Ari. — Do que estamos a falar é de como começou o Universo.

— E como é que sabemos que ele começou — perguntou o Tó. — Não sabemos se ele existiu sempre.

— Como é que uma coisa pode ter existido sempre? Tudo tem de ter um começo — insistiu o Lutero.

5 — O Universo não tem de ter um fim — afirmou o Tó — por isso também podemos dizer que não teve um princípio.

O Lutero abanou a cabeça:

— Ah, isso não sei. Eu consigo imaginar a Terra a começar, o Sol a começar e a nossa Galáxia a começar, mas não consigo imaginar o Universo a *não*
10 começar.

— E eu não consigo imaginá-lo a *começar* — respondeu o Tó. — Por isso acho que é inimaginável em qualquer dos casos. Mas dizer que uma coisa não se consegue imaginar, não prova nada.

O Lutero comentou:

15 — Quando eu disse há pouco que tudo tem um princípio, o que eu queria dizer era que tudo tem uma *causa*. Tudo acontece porque alguma coisa faz com que aconteça. A chaleira apita por causa do vapor que está lá dentro, o vapor está lá dentro porque o calor fez ferver a água, o lume está lá porque alguém acendeu o fogão e assim por diante.

20 Mais tarde, quando já estavam todos deitados e o quarto às escuras, o Tó voltou ao assunto inicial da conversa:

— Ó Lutero, tu disseste que tudo tem uma causa, mas se todas as *partes* do Universo têm uma causa, isso não prova que o próprio Universo tenha uma causa.

25 — Não percebo — disse o Lutero.

— Olha — tentou o Tó explicar — supõe que tinhas uma máquina enorme, mesmo muito grande, composta por partes muito pequenas.

— E daí? — perguntou o Lutero.

— Não vês — continuou o Tó — que o facto das partes da máquina serem pequenas não implica obrigatoriamente que a máquina seja pequena? As partes podiam ser leves e no entanto a máquina ser pesada. Por isso, aquilo que é
5 verdadeiro em relação à parte, não tem que ser verdadeiro em relação ao todo. Do mesmo modo, é possível que as diferentes partes do mundo tenham todas uma causa, mas isso não significa que o próprio mundo tenha uma causa.

O Ari disse:

— Então voltamos ao princípio. Estavas a dizer que o Universo pode não
10 ter tido um princípio.

— Que disparate — disse o Guilherme.

O Tó sentou-se e acrescentou:

— Então olhem, há duas possibilidades! Ou o mundo teve um começo ou
não teve, não é?

15 — Certo — disse o Lutero. — Mas ainda há outro problema. É o de saber se o mundo foi ou não criado por Deus.

— O mundo teve de ser criado por Deus — respondeu o Guilherme. — É a única possibilidade.

20 O Tó não ouviu o comentário do Guilherme, porque se tinha levantado da cama e acendido a luz. O Miguel, que já tinha adormecido, acordou com a claridade e pôs a cabeça debaixo da almofada. O Tó foi buscar um pedaço de papel e disse:

25 — Deixem-me mostrar uma coisa. O meu primo, que é professor de Matemática no secundário, uma vez explicou-me o seguinte: se temos dois conjuntos, cada um com duas possibilidades, isso dá quatro possibilidades. Por exemplo, em relação a um gelado há duas possibilidades: ou temos um gelado ou não temos. Agora pensem num bolo. Mais uma vez: ou temos um bolo ou não temos. Assim ficamos com quatro possibilidades: primeira, gelado e bolo,

segunda, bolo sem gelado, terceira, gelado sem bolo e quarta, nem gelado nem bolo.

— Bestial — disse o Lutero. — Eu também sei fazer isso: salsichas e batatas fritas, salsichas sem batatas fritas, batatas fritas sem salsichas, nem batatas fritas nem salsichas.

Nessa altura ouviu-se a voz do Miguel debaixo das almofadas:

— Raparigas e rapazes, raparigas sem rapazes, rapazes sem raparigas, nem rapazes nem raparigas. E agora, por que é que não apagam a luz e não vamos dormir?

10 Os outros responderam em coro:

— Cala-te Miguel.

Eles ficaram calados ainda algum tempo, mas depois o Ari exclamou:

— Já estou a ver aonde queres chegar, Tó! Estávamos a pensar se o mundo teve ou não um princípio, e se Deus existia ou não e então tu trouxeste aquele exemplo das quatro possibilidades. Mas como é que isso se aplica ao que está-

15 vamos a falar?

— Olha — replicou o Tó — é fácil.

Primeiro: o mundo teve um princípio e foi criado por Deus.

Segundo: o mundo teve um princípio, mas não foi criado por Deus.

20 Terceiro: o mundo não teve um princípio e foi criado por Deus.

Quarto: o mundo não teve um princípio nem foi criado por Deus.

— A terceira não é possível — disse o Guilherme. — Contradiz-se a si própria. Só a primeira, a segunda e a quarta são possíveis.

— Está bem — disse o Tó — mas lembrem-se que eu não estava a falar sobre o que é *verdadeiro*, estava simplesmente a falar do que é possível. Nós podemos acreditar que o mundo vai acabar, mas é muito *possível* que não tenha começado.

25

O Ari voltou a apagar a luz e antes de se deitar disse, meio para si, meio para os outros:

— Não é obrigatório estar sempre à procura de respostas. Quer dizer, pode pensar-se sobre qualquer coisa sem ter que encontrar a resposta certa. Há
5 muitas maneiras de olhar para as coisas e de pensar sobre elas. Mas acho que cada um tem de encontrar as suas próprias respostas. Ensinar-nos que só há uma maneira de pensar, mas acabamos por descobrir que existem imensas maneiras de pensar igualmente válidas. Eu gostava de descobrir todas as formas de pensar que existem.

10 — E eu estou interessado — respondeu o Tó — em descobrir a maneira *correcta* de pensar.

O Ari teria certamente dito "E eu também", mas nessa altura já estava meio a dormir.

Quando adormeceu, o Tó sonhou que estava à janela dum grande castelo,
15 e de lá observava o empedrado do pátio. No chão estava desenhado um quadrado enorme composto por quatro quadrados mais pequenos. Ao lado ficava uma estalagem com uma tabuleta que dizia: "As Quatro Possibilidades". Estava uma rapariga no pátio a jogar à macaca. Ao princípio ele não percebeu quem era, mas depois ela virou-se e ele viu: era a Laura Moura. Ela sorriu e
20 depois estendeu-lhe uma bola. Não era bem uma bola, era um tomate, uma maçã ou outra coisa qualquer que ele não conseguiu identificar. De repente, ela desapareceu e ele passou a ser um jogador de futebol. Corria atrás da bola a tentar meter um golo. Quando se aproximou do guarda-redes viu que era um cavaleiro e trazia uma armadura. No momento em que o cavaleiro tirou o
25 elmo, o Tó viu quem era — era o pai dele. E foi o fim do sonho.

CAPÍTULO 14

Quando a Suki disse que nunca tinha ido a um museu, a Ana propôs-lhe irem juntas no domingo seguinte à tarde.

Assim foi e, à medida que iam duma sala para a outra, a Suki mostrava-se encantada com as enormes tapeçarias das paredes, os tapetes e as magníficas
5 escadarias do edifício. Dos quadros não gostou lá muito. Cada vez que passavam por um quadro, a Ana olhava para a cara da Suki, na esperança que ela manifestasse algum sinal de admiração.

Não é que *não* gostasse dos quadros, tentou a Suki explicar-lhe, mas honestamente também não podia dizer que gostava. Só quando viu o quadro de
10 S. Francisco saindo da sua gruta para admirar o Sol, a Suki se virou para a Ana com um sorriso luminoso nos lábios, embora não dissesse nada. E, quando chegou à escultura de Diana, a deusa da caça, em tamanho natural, esbelta e equilibrada, a Suki deu voltas e mais voltas à estátua.

— Que bonita que ela está assim sem roupa — comentou a Suki por fim.

15 — E que horrível ela ficaria se tivesse alguma coisa vestida — replicou a Ana.

Desataram a rir as duas e já iam a sair da sala, quando a Ana se virou para trás e olhou atentamente para Diana. Detiveram-se no átrio do museu, um pátio interior com um telhado de vidro esverdeado. No centro havia um lago,
20 rodeado de lindas plantas e com uma fonte no meio, na qual pareciam brincar alegremente uns anjinhos em bronze. Ouvia-se um concerto numa das salas adjacentes, embora elas tivessem tido dificuldade em identificar os vários

instrumentos que estavam a tocar. Ana dizia que era um violino, um violoncelo e um piano, mas Suki achava que era uma harpa e duas violas (ambas já tinham tocado na orquestra da escola).

5 Enquanto estavam ali sentadas num banco de pedra, Suki olhava à sua volta com satisfação, mas a Ana estava aborrecida consigo própria por se ter esquecido de trazer o bloco de esboços. Ela teria gostado de desenhar a Suki. O rosto dela era tão fora do vulgar! Cada pormenor era perfeito e delicado — os olhos, as maçãs do rosto, a franja caída na testa — daria um belo retrato!

10 — Adoro estas plantas — disse Suki — aliás, adoro todas as plantas. Em casa temos um jardim e eu gosto de remexer na terra. É curioso, às vezes quando estou aborrecida vou tratar do jardim e depois sinto-me muito melhor.

— Eu não fazia a mínima ideia que gostavas dessas coisas — respondeu a Ana, para quem a jardinagem era um trabalho sujo e desnecessário. — Por que é que os teus pais não tratam do jardim?

15 — Bem, o meu pai às vezes trata, mas quase nunca tem tempo para isso. E não tenho mãe. Ela morreu no ano passado.

— Ah! — exclamou a Ana, impressionada por saber que Suki não tinha mãe.

— Mas tu tens um irmão bebé, não tens?

20 — Pois tenho — replicou Suki com um sorriso. — Normalmente sou eu que tomo conta dele. Ele é um amor. Está quase a fazer três anos.

A Ana não tinha irmãos e por isso não sabia o que dizer. Mas daí a pouco, comentou:

25 — Eu também gosto de flores. Gosto imenso de as pôr numa jarra, acabadas de apanhar e, se o arranjo fica bonito, às vezes desenho-o.

— Tu já alguma vez tentaste escrever um poema sobre flores?

A Suki riu-se.

maravilhosas. Havias de ver a colecção de borboletas. Guarda-as em caixas com tampa de vidro, muito bem arrumadinhas e presas com alfinetes.

A Suki fez um esforço para não se impressionar, mas não conseguiu evitar um arrepio. A Ana deu por isso e ficou aborrecida consigo mesma por não ter percebido que a Suki não podia ver nada ferido. Ela nem sequer conseguia
5 ouvir falar em ferimentos. Por isso, pôs uma mão no ombro da amiga e disse-lhe:

— Desculpa Suki. Concordo que é uma crueldade espetar as borboletas, embora o meu pai as anestesie primeiro. Mas mesmo assim gostava que fosses
10 lá a casa. Os meus pais haviam de gostar de te conhecer. Acharam-te tão *interessante!*

— Como às borboletas?

Suki arrependeu-se imediatamente de ter dito aquilo. Fora muito cruel ao falar assim para a amiga, pensou. Afinal ela não tinha querido ofendê-la.

15 Ana corou e os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.

— Não Suki, não é nada disso!

Ela não achava que o comentário da Suki tivesse sido cruel, porque de alguma maneira o tinha merecido. A Suki considera-se uma pessoa perfeitamente vulgar, pensou Ana, por isso, quando eu disse que os meus pais iam
20 achá-la interessante, ela deve ter pensado que eu estava a tratá-la como qualquer coisa exótica. E, se calhar era isso mesmo. Mas, naquele dia em que os pais dela convidaram os amigos para irem ver a rainha da noite, não houve nada de mal nisso, porque uma planta é apenas uma coisa. Mas a Suki é uma pessoa e não se trata uma pessoa como se fosse uma coisa, seja ela quem for.
25 E era isso mesmo que eu estava a fazer. Era como se eu estivesse a *usá-la*, da mesma maneira que uso as flores quando as ponho numa jarra e depois as deŕenho. Meu Deus, sinto-me horrivelmente!

Nesse momento a Ana apercebeu-se de que a Suki estava a puxar-lhe pela manga.

— Não faz mal, Ana, deixa lá. Eu não devia ter dito aquilo e até gostava muito de ir a tua casa — disse a Suki com meiguice.

5 Já no fim da visita, quando vinham a passar por uma das salas, a Suki parou diante de um retrato:

— É lindo, não é? — comentou a Suki com um sorriso.

— É Titus. Era filho de Rembrandt. Acho que ele tinha oito anos quando o retrato foi pintado e penso que morreu algum tempo depois.

10 Nessa altura o sorriso apagou-se do rosto da Suki. — Coitado, custa tanto perder alguém de quem se gosta muito!

Enquanto caminhavam pelo parque a caminho de casa, a Ana disse:

— É curioso, para mim aquilo é apenas uma pintura bonita. Mas para ti é como se fosse uma pessoa a sério.

15 — Não, não! Eu sei que aquele retrato não é uma pessoa. É por isso que eu acho que nunca gostei muito de pinturas, porque não são coisas vivas. Eu gosto muito delas quando tu me mostras as cores e me explicas como é que elas são feitas, porque para mim um quadro é apenas uma superfície esborratada. Só quando representam a natureza ou as pessoas é que eu lhes
20 vejo algum interesse.

A Suki sorriu ao ver a Ana amuada com as suas observações.

— Ao fim e ao cabo — concluiu — pessoas e objectos são coisas muito diferentes e para mim uma pintura não passa dum objecto.

— Mas tu gostas de plantas — protestou a Ana — e as plantas são apenas
25 coisas.

— Está bem, mas são coisas vivas — contrapôs Suki.

— Talvez sejam vivas, mas não têm sentimentos e não mostram qualquer espécie de expressão, enquanto uma pintura, embora seja apenas uma coisa, manifesta *de facto* expressão. Por isso, não é tão simples como pensavas.

5 Para si própria Ana acrescentou: mas também não é tão simples como eu pensava.

Suki disse meigamente:

— Eu sempre olhei para as pinturas simplesmente como coisas bonitas, uma espécie de ornamento como um colar. Nunca imaginei que elas pudessem ter sentimentos.

10 — Bem, elas não *têm* — replicou Ana — mas *mostram-nos*. E não só sentimentos, mas também ideias. Muitas vezes basta-me olhar para um quadro para perceber qual foi a ideia do pintor.

Suki reflectiu no que a Ana tinha dito e respondeu:

15 — Olha, temos as plantas, que fazem parte da natureza e não mostram sentimentos, as pinturas que são feitas pelo homem e mostram sentimentos, e temos ainda o rosto e o corpo humano, que não são feitos pelo homem e no entanto mostram sentimentos. Por isso, existe uma terceira espécie de coisas, não achas?

20 Então a Ana pôs a mão à volta de Suki abraçando-a e, embora não tivesse dito nada, sorriu-lhe como que a dizer: Sim, Suki, é isso mesmo! Sim ... sim ... sim ...

* * *

25 Nesse domingo a Lisa e a Francisca foram as duas ao cinema. No filme havia muitas cenas de amor e imensos beijos. Elas não estavam muito interessadas e por isso passaram a maior parte do tempo a cochichar, a saltar dum lugar para outro, na risota e a comer pipocas, fazendo imenso barulho e

virando-se para trás e para a frente. Quando o filme acabou nem sequer falaram dele, excepto para lembrar aquela parte em que a noiva caíra na piscina e depois tinha ido para o casamento toda ensopada.

5 Como a Francisca não morava muito longe do cinema, a Lisa concordou em ir lá um bocado antes de ir para casa.

— Quantos irmãos tens, Francisca? — perguntou a Lisa, olhando para as fotografias da cómoda.

— Três, todos mais novos do que eu.

10 — É curioso, também tenho três irmãos, mas são todos mais velhos do que eu, muito mais velhos. Eu sou a mais nova. São amorosos, embora às vezes me arreliem um bocado. Quando se começam a meter comigo, tenho vontade de os matar. Era capaz de os estrangular.

Riu-se ao dizer isto e a Francisca percebeu que ela não estava a falar a sério. Ela também achava que os irmãos às vezes a punham fora de si, mas, 15 quando estavam longe como agora, sentia muito a falta deles.

— Dois dos meus irmãos estão na Universidade — disse a Lisa. — Quando eu for mais velha vou para a mesma Universidade em que eles andam, embora, é claro, eles já lá não estejam nessa altura.

Passado um bocado, acrescentou:

20 — Tu também ... vais para a Universidade, Francisca?

— Claro que vou! Eu quero ser advogada.

— E porquê advogada?

— Porque eu penso que os advogados podem fazer imenso pelos negros e eu quero fazer tudo o que puder por eles. É tão simples como isso.

25 Lisa pegou numa caixinha de madeira com incrustações.

— É tão bonita. Onde é que ela veio, Francisca?

— Da Tanzânia. O meu tio foi lá uma vez de viagem e trouxe-ma. Adorava lá ir um dia.

— Mas lá as pessoas não são horrivelmente atrasadas?

— Claro que elas são pobres, Lisa e não têm as coisas que nós cá temos.

5 Mas se me perguntas se são um bando de selvagens, digo-te que não. E deixa-me que te diga outra coisa — e Francisca continuou com os olhos a brilhar — aqui neste país, por melhor que a vida esteja, há sempre imensas pessoas a morrer à fome e, por pior que esteja, há sempre quem tenha tudo. Mas o meu tio disse-me que nalguns sítios em África não é assim. Lá, quando há miséria,
10 ninguém tem abundância e quando há abundância, ninguém passa fome. Por isso, eu gostava de saber quem são os selvagens. São eles ou somos nós?

Lisa não foi capaz de dizer nada. Estava surpreendida com a forma como a Francisca vivia as coisas. Gostaria que a amiga falasse mais de si própria e daquilo em que acreditava, mas de repente a Francisca voltou à sua maneira de
15 ser habitual e percebia-se que não queria falar mais do assunto. Lisa pensou como devia ser difícil a Francisca convidar para ir a sua casa alguém que não conhecesse muito bem, porque ela raramente discutia as suas ideias com os outros. Mas, como não queria invadir a privacidade da amiga, decidiu mudar de assunto.

20 — O que é que tu pensas do que o Ari e o Tó andam a fazer?

— O quê, estás a falar daquela mania de virarem frases ao contrário e perguntar que conclusões se podem tirar, sempre a procurarem as razões de tudo o que dizemos e a quererem explicar o porquê das coisas?

A Lisa disse que sim.

25 — Não sei, acho que é interessante, mas aposto em como eles nem sonham o muito que têm ainda para descobrir. Nós levamos anos e anos a aprender matemática acho que vai acontecer o mesmo com o que eles têm andado a fazer.

— Tens razão — respondeu Lisa, sacudindo o cabelo comprido que lhe dava pelos ombros — é isso mesmo. Eu não falo do Ari, porque ele, apesar de estar muito entusiasmado e de se esforçar imenso, sabe que muitas vezes não consegue chegar a parte nenhuma. Mas o Tó julga que é tudo muito simples.
5 Tão simples como juntar um número a outro. Depois é só descobrir o terceiro, que é a soma dos dois, como sete mais três igual a dez. Por isso, ele pensa que se juntares uma frase a outra, podes encontrar uma terceira que é o resultado das outras duas.

Francisca riu-se e disse:

10 — Eu acho que o que te irrita é o Tó ter razão tantas vezes. Mas neste caso ele tem mesmo razão, não tem?

A Lisa riu-se também.

— Está bem, ele tem razão. Acho que o que mais me irrita nele não é que tenha quase sempre razão, mas ele achar que os rapazes são sempre muito
15 melhores do que as raparigas.

— Que engraçado, isso não me incomoda nada. Eu acho que as pessoas que estão sempre a tentar provar qualquer coisa, são justamente aquelas que, de facto, não acreditam nisso. O Tó morre de medo de se enganar e por isso nunca tenta nada, a não ser que tenha a certeza que não falha. O Ari é
20 bastante diferente.

A Lisa, que tinha estado a escrevinhar numa folha dum bloco da Francisca, começou a passar um dos exemplos de que ela e o Ari tinham falado uns dias antes:

25 Todos os cães são animais

Todos os caniches são cães

Portanto: Todos os caniches são animais

— Vês? — disse ela, apontando com a caneta para as duas primeiras linhas. — É tal e qual como o Tó disse. Se te dão as duas primeiras frases, pode descobrir-se a terceira, do mesmo modo que ao adicionar dois números obtemos a sua soma.

5 A Francisca ficou a olhar um pouco para o exemplo e depois comentou:

— Não Lisa, não é bem a mesma coisa. Porque a soma é *igual* aos dois números que adicionaste e aqui o que tu tens é a conclusão que tiraste a partir das duas frases iniciais. E a conclusão não é igual às duas primeiras frases.

— Então porquê? — perguntou Lisa franzindo as sobrancelhas.

10 — Porque repara — e a Francisca apontou para o papel — a palavra "cães" aparece na primeira frase e aparece outra vez na segunda, mas na terceira frase já não aparece.

— É verdade, ela desaparece!

Ficou a morder a borracha do lápis algum tempo e, em seguida, acrescentou:

15

— Vamos experimentar com outro exemplo, a ver se acontece a mesma coisa.

E escreveu no bloco:

20 Todos os estudantes são pessoas.

Todos os finalistas são estudantes.

Portanto: Todos os finalistas são pessoas.

25 — Estás a ver? — disse a Francisca triunfante — a palavra "estudantes" aparece nas duas primeiras frases, por isso já não aparece na última. As outras palavras, "finalistas" e "pessoas", só aparecem uma vez nas duas primeiras frases, mas depois aparecem novamente na conclusão.

— E eu reparei noutra coisa — acrescentou a Lisa. — Na primeira frase, a palavra "estudantes" está no princípio, mas na segunda frase está no fim. Será que isso tem alguma importância?

A Francisca percebeu logo aonde ela queria chegar.

5 — Podemos fazer uma coisa. Vamos ver se ainda resulta depois de a modificarmos. Ora bem ... — e, por um momento, pôs a cabeça entre as mãos a concentrar-se. De repente, abriu os braços e disse com um sorriso luminoso:

— Já descobri. E se for assim?

Tirou o lápis e o bloco da mão da Lisa e escreveu:

10

Todos os carapaus são peixes.

Todos os tubarões são peixes.

Portanto: Todos os carapaus são tubarões.

15

Lisa olhou admirada para a Francisca e exclamou:

— Não resultou. Os carapaus não são tubarões. Deve ter sido por teres posto a palavra "peixes", que desaparece *no fim* de cada uma das primeiras frases, que tornaste a conclusão falsa.

20 — Formidável — disse a Francisca entusiasmada — acho que descobrimos uma coisa que o Tó e o Ari têm andado à procura e ainda não conseguiram encontrar: o segredo pelo qual alguns pares de frases conduzem a uma conclusão verdadeira e outros conduzem a uma conclusão falsa.

— Espera aí — disse a Lisa, que estava tão entusiasmada como a
25 Francisca — deixa-me tentar mais outro exemplo:

Todos os coelhos são mamíferos.

Todos os coelhos são velozes.

Portanto: Todos os mamíferos são velozes.

5

Francisca bateu as palmas:

— Olha Lisa, tu puseste a palavra que desaparece, "coelhos", *no princípio* e a conclusão voltou a ser falsa!

Lisa replicou:

10 — Sabes Francisca, penso que nós ainda não podemos ter a certeza de que o que fizemos está certo. Pode haver casos, como aquele que eu te dei, em que a conclusão seja verdadeira e não falsa. Talvez ainda não tenhamos experimentado o número suficiente de exemplos e, se calhar, há regras que nós ainda não sabemos.

15 Alguns dias mais tarde, Lisa apanhou o autocarro de manhã para a escola e, para seu contentamento, encontrou a Francisca. Puseram-se as duas a conversar, até que repararam em dois homens que iam no banco da frente, que falavam muito alto e que pareciam irritados com qualquer coisa. Só perceberam que estavam a discutir política, quando ouviram um deles afirmar:

20 — Este país está cada vez pior. E tudo por causa dessa gente que está sempre a reivindicar os seus direitos. Sempre que leio o jornal, encontro um caso de defesa de algum radical. Já reparaste como os advogados deste país são a favor dos direitos civis? E também reparaste que os radicais deste país são a favor dos direitos civis? De que prova precisamos mais para saber que
25 todos os advogados são radicais?

Francisca abriu rapidamente o bloco-notas e escreveu:

Todos os advogados são pessoas que defendem os direitos civis
Todos os radicais são pessoas que defendem os direitos civis

Portanto: Todos os advogados são radicais

5

E em baixo, Francisca escreveu o exemplo do outro dia:

Todos os carapaus são peixes

10

Todos os tubarões são peixes

Portanto: Todos os carapaus são tubarões

Mostrou o caderno à Lisa e esta gritou muito excitada:

— Já sei, já sei! Já tinha reparado nisto. Não podíamos concluir que todos
15 os carapaus são tubarões e agora também não podemos dizer que todos os
advogados são radicais.

O autocarro parou à porta da escola e as raparigas saíram. Lisa atirou o
cabelo para trás e a Francisca bateu-lhe no ombro despreocupadamente e disse
sorrindo:

20

— Pelo menos aprendi uma coisa.

— O que foi?

— O género de coisas que vão dizer sobre mim se eu alguma vez chegar a
ser advogada.

CAPÍTULO 15

O Ari tinha acabado de pintar com tinta prateada a sua estação espacial, quando o pai, entreabrindo a porta do quarto, lhe perguntou:

— Queres ir dar uma volta, Ari? Vou à rua comprar cigarros.

O Ari limpou apressadamente os restos de tinta das mãos, enquanto o pai
5 esperava por ele.

Quando já iam de novo a caminho de casa, o Sr. Maia tirou a película de celofane do maço de tabaco, puxou dum cigarro, acendeu-o e deu uma fumaça para o ar.

— Ó pai, por que é que tu fumas?

10 — Porque gosto.

— Mas dizem que o fumo provoca o cancro — insistiu o Ari.

— Só quando se fuma demais.

— Não percebo como é que podes ter a certeza de que não estás a fumar
demais. Além disso, um dia tentei dar uma fumaça num dos teus cigarros e
15 tinha um sabor horrível.

— Ainda bem. Talvez assim não apanhes o hábito de fumar.

— Ó pai — continuou o Ari depois de algum tempo — tu disseste que
fumavas porque gostavas. Mas ao princípio também gostavas?

— Já não me lembro, foi há tanto tempo! Creio que no início não gostava
20 muito, mas como continuei, acabei por gostar.

— Há quanto tempo foi isso? Foi quando andavas no liceu?

— Não, foi mais tarde quando estava na tropa.

— Quando estavas em África?

O pai do Ari fez um gesto afirmativo. Ele raramente falava da época em que tinha estado na guerra.

Passado algum tempo, o Ari perguntou:

5 — Como é que as guerras começam?

— Sabes, as pessoas às vezes detestam-se umas às outras e é muito fácil começarem a brigar.

— Tu detestavas os angolanos?

— Não, penso que não. Quer dizer, ao princípio não, mas lá mais para o
10 fim, às vezes sentia raiva deles.

O Ari parecia um pouco confuso.

— Ó pai — disse ele finalmente — ainda há pouco disseste que primeiro
as pessoas irritam-se umas com as outras e só depois é que brigam. Mas contí-
go aconteceu o contrário, primeiro combateste na guerra e só mais tarde é que
15 passaste a não gostar deles. Como é que isso é possível?

— Não sei filho. De facto eu nunca tinha pensado no assunto dessa maneira. Não sei bem como foi.

Pararam na esquina da rua e esperaram pelo sinal verde.

— Pai — disse o Ari quando iam a atravessar a rua — eu não queria ser
20 chato ... !

— Mas tens outra pergunta para fazer — riu-se o pai. — Então diz lá.
Meu grande chato!

— Eu estava a pensar ... bom, tu disseste que fumavas porque gostavas,
mas também disseste que no início, quando estavas na tropa e começaste a
25 fumar, ainda não gostavas. Não compreendo.

— O que é que queres dizer com isso?

— Quero saber o que aconteceu primeiro, fumar ou gostar de fumar?

— Fumar.

— Era o que eu pensava.

No dia seguinte o professor Bragança fez uma demonstração com um tubo de ensaio em U na aula de Ciências. Deitou um copo de água num dos lados e,
5 depois de agitar o tubo energicamente durante uns momentos, a água ficou ao mesmo nível em ambos os lados do tubo.

— Estão a ver? — disse o professor. — Há muitos anos as pessoas eram muito supersticiosas e pensavam que a água era como um ser vivo. Quando
10 viam a água a correr das montanhas em direcção ao mar ou viam a chuva a cair diziam: "A água procura o seu lugar". Mas, claro, estavam enganadas. A água não estava a *tentar* encontrar o seu lugar, pois não? Ela não tem uma mente. É apenas uma coisa, um objecto físico. Por isso neste tubo em U, quando os dois lados ficam ao mesmo nível, não é porque "a água procura o seu lugar" como as pessoas diziam. É apenas porque a água obedece à lei da gravidade.

15 O Tó levantou logo o braço e perguntou:

— Então e a água não tinha de ter uma mente para poder fazer o que o professor disse: "obedecer à lei da gravidade"?

O professor sorriu e fez que sim com a cabeça:

— Tens toda a razão. O que eu disse foi uma tolice e não estou a rir-me de
20 ti, estou a rir de mim próprio. Claro que a água não *obedece* à lei da gravidade como uma pessoa obedece aos sinais de trânsito. A lei da gravidade não diz às coisas como elas *se devem* comportar, apenas descreve o modo como elas se comportam. Por isso é tolice minha, ou seja de quem for, dizer que "a água *obedece* à lei da gravidade".

25 Alguns alunos compreenderam e riram-se com o Tó e o professor, mas outros não perceberam. O professor ainda começou a explicar, mas infelizmente a campainha tocou e ele não teve oportunidade de acabar. Mas não se esqueceu.

No dia seguinte, voltou a mostrar o tubo em U e falou novamente na lei da gravidade. Depois começou a falar sobre rochas e mostrou exemplares de diferentes tipos. Os alunos estavam maravilhados. O Tiago mostrou um pedaço que brilhava à luz e perguntou o que era.

5 — É mica — disse o professor. — Podes desfazê-la em bocadinhos apenas com as mãos.

— Como é que é possível ver através dela? — perguntou o Miguel, que tinha agarrado na pedra e estava a observá-la com toda a atenção.

— Bem vês — respondeu o professor — ela é quase transparente.

10 O Ari levantou o braço, hesitante:

— Não sei se o que vou perguntar é uma tolice, mas agora, quando o Miguel perguntou como é que era possível ver através da mica, o professor respondeu que era por ser transparente. Ora a minha pergunta é esta: pode ver-se através dela por ser transparente ou ela é transparente porque é possível ver-se através dela?

15

— Ora aí está uma boa pergunta, Ari. Não sei se vais perceber muito bem a minha resposta, mas vou tentar explicar-te. Chamamos transparentes às coisas através das quais podemos ver, não é verdade?

— É verdade — respondeu o Ari.

20 — Então isso quer dizer que *descrevemos* uma coisa como sendo "transparente" quando é possível ver-se através dela. Portanto, seria errado afirmar que vemos através dela *porque* é transparente.

— Mas isso foi o que o professor *disse* — comentou o Marcos.

25 — Se o disse, não o devia ter feito — concordou o professor. — A palavra "transparente" é apenas um nome, e não se pode explicar um determinado tipo de comportamento indicando apenas o *nome* desse comportamento.

— Lá isso é verdade — disse o Tó. — Se estivéssemos no Golfo do Méxi-

co e o vento estivesse a soprar a 300 quilómetros à hora e alguém me perguntasse: "Ó Tó, por que é que o vento está a soprar a 300 quilómetros à hora?" e eu respondesse: "Porque é um furacão", isso não seria uma resposta porque eu estaria apenas a dar um *nome* para o que estava a acontecer, mas não o teria
5 explicado.

— É isso mesmo — disse a Francisca. — Era como se eu vos perguntasse por que é que algumas pessoas que conheço detestam outros povos e vocês respondessem: "Porque são racistas". Isso não seria uma explicação, porque "racista" é apenas um nome que se dá a quem odeia outros povos, mas não é a
10 causa pela qual elas se comportam dessa maneira.

— Eu tenho outro exemplo — disse o Rodolfo. — Se eu puxar por uma fita de borracha e ela esticar, eu chamo-lhe "elástico". Mas ela não estica *porque* é elástica, ela chama-se elástica porque estica.

— E o açúcar não se dissolve porque é solúvel — disse a Lisa. — Ele
15 chama-se "solúvel" porque se dissolve.

— Agora ouçam esta — acrescentou a Joana. — As pessoas não estão sempre a brigar porque são "agressivas", porque "agressivo" é uma palavra que serve para descrever as pessoas que passam a vida a lutar. Ela não é a *causa* da luta mas apenas uma descrição.

20 Quando o Ari ouviu o comentário da Joana, deixou de prestar atenção ao que se passava na aula e começou a pensar na conversa que tivera com o pai na noite anterior. O que eles tinham estado a conversar era parecido com o que a Joana tinha dito, embora um pouco diferente. O problema era este: as pessoas lutam porque já estão zangadas umas com as outras ou a luta é a causa
25 de se *detestarem* umas às outras?

Então o Ari lembrou-se do que tinham dito sobre o fumar. Por aquilo que o pai lhe tinha contado, o Ari concluiu que ao princípio o pai não tinha gosta-

do, mas depois de experimentar algumas vezes, acabou por gostar. Quer dizer, no início fumou até gostar e mais tarde o facto de gostar fez com que continuasse a fumar.

5 Do mesmo modo, pensou o Ari, um soldado também pode ir à guerra e ser obrigado a combater, embora não odeie o "inimigo". Mas ao fim de algum tempo de andar a combater, pode passar a odiá-lo de tal maneira que isso o leva a combater ainda mais. Portanto, aquilo que a princípio é a causa, pode acabar por ser o efeito e, aquilo que começa por ser o efeito, pode acabar por ser a causa.

10 De repente o Ari sentiu-se um pouco irritado, não consigo mas com o pai. Perguntei-lhe por que é que ele fumava e ele respondeu-me que era porque gostava. Mas o facto de gostar de fumar é a *causa* de fumar e eu não queria saber a causa, eu queria que ele me desse uma boa *razão* para fumar. Ele devia ter tentado *provar-me* por que é que fumar é bom. Aposto que se ele o tivesse
15 feito, eu teria conseguido provar-lhe que não é.

Nesse momento o Ari abanou a cabeça, porque achava que o pai nunca tentaria provar que o que fazia estava certo. E voltou novamente a tomar atenção à rocha que tinha em cima da carteira.

CAPÍTULO 16

Tanto a mãe como o pai do Tó tinham de sair cedo para o trabalho todas as manhãs. Como a essa hora ainda é cedo para o Tó acordar para ir para a escola, os pais deixam o despertador ligado e depois ele levanta-se, veste-se e toma o pequeno-almoço sozinho. Mas a mãe está sempre preocupada com medo que ele adormeça e se atrase. Por isso, todas as noites antes de ele se deitar lhe diz: "Não te esqueças, Tó, se adormeceres chegas tarde à escola".

Nesse fim-de-semana, o Tó tinha ido com os pais visitar os avós e tinham chegado no domingo à noite, já muito tarde. O fim-de-semana tinha sido longo e cansativo e a mãe do Tó estava muito preocupada, com medo que o filho não acordasse na manhã seguinte quando o despertador tocasse. Como de costume, dissera-lhe:

— Se adormeceres, chegas atrasado à escola.

E desta vez ele adormecera *mesmo* e tinha chegado atrasado à escola. Isto fora na segunda-feira.

Nesse dia à noite, a mãe voltou a repetir o seu aviso habitual. E na manhã seguinte, o Tó levantou-se mal o despertador tocou. Mas tinha-se esquecido de deixar a roupa preparada na noite anterior e não conseguiu encontrar a camisa. Procurou desesperadamente em todas as gavetas, não encontrando uma única camisa. Finalmente resolveu esperar que a mãe chegasse ao trabalho, telefonou-lhe e ela disse-lhe para ver nas gavetas do pai. Ele lá foi procurar e encontrou-as, mas quando acabou de se vestir já estava atrasado para a escola. Isto foi na terça-feira.

Na quarta-feira voltou a atrasar-se porque parou para ver os bombeiros a retirar um rapazito duma casa em chamas. Tirando estas três vezes, não era costume o Tó atrasar-se. Ele nem gostava nada de se atrasar.

O Tó tinha um diário onde escrevia tudo o que lhe acontecia. Mas havia
5 uma coisa que o intrigava: A mãe avisava-o sempre: "Se adormeceres, atrasas-
-te". Ora bem, o que acontecera na segunda-feira provara que éla tinha razão,
porque na segunda-feira ele tinha adormecido e como consequência tinha-se
atrasado. Então e na terça-feira? Ele não tinha adormecido nesse dia nem na
quarta-feira e tinha na mesma chegado atrasado nesses dois dias. O Tó bem
10 queria esquecer o incidente, mas este não lhe saía da cabeça. Ele tinha o pres-
sentimento de que estava ali alguma regra, mesmo à espera de ser descoberta,
uma regra que mais tarde o ajudaria a descobrir certas coisas. Mas não sabia
qual era e, por isso, resolveu falar ao Ari no assunto.

Nesse momento, a Francisca e a Lisa apareceram a correr.

15 — Já sabes o que aconteceu? — perguntou a Lisa afogueada. — A Joana
diz que o Alexandre lhe roubou a pasta, que tinha uma carteira com mil
escudos que a mãe lhe tinha dado para comprar um livro de música.

— E o que é que diz o Alexandre? — perguntou o Ari.

— Ele diz que não foi ele — respondeu a Francisca. — Diz que só tinha
20 estado a arreliar a Joana a fingir que lhe ia tirar a pasta, porque ela lhe tinha
dito que trazia dinheiro. Mas garante que não a roubou.

— E onde é que eles estão agora? — quis saber o Tó.

— Eles andam a revolver a escola toda para ver se a pasta está escondida
nalgum lado — respondeu a Lisa.

25 O Tó não estava lá muito interessado nos problemas da Joana e, por isso,
voltou ao assunto que queria discutir com o Ari. Teria preferido falar com o
ele a sós mas, como estavam ali as colegas, não quis ser malcriado e resolveu
deixá-las ficar. E contou ao Ari o que tinha descoberto.

O Ari começou logo a pensar no assunto.

— Olha Tó, podemos dividir aquilo que a tua mãe disse em duas partes: a primeira é "se tu adormeceres" e a segunda é "vais chegar atrasado".

A Lisa não pôde conter-se:

5 — Estás a ver Tó? Cada uma destas partes pode ser verdadeira ou falsa, isto é, podes adormecer ou não, assim como te podes atrasar ou não.

— É isso mesmo — exclamou o Ari — bestial! Parece que descobriste uma coisa nova. Porque agora podemos pegar no que a mãe do Tó disse e perguntar: o que acontece se a primeira parte for verdadeira? E se for falsa? E se a
10 segunda parte for verdadeira? E se for falsa? Estás a ver, Tó? São outra vez as quatro possibilidades de que tinhas falado.

O Tó ficou muito entusiasmado.

— Parem, parem, parem ... deixem-me arranjar um bocado de giz.

Apagou o quadro e começou a escrever:

15

2ª feira "Se adormeceres, chegas atrasado"

1ª parte verdadeira: Adormeci

Resultado: Cheguei atrasado (conclusão)

20

3ª feira "Se adormeceres, chegas atrasado"

1ª parte falsa: Não adormeci

25

(conclusão?)

4ª feira "Se adormeceres, chegas atrasado"

30

2ª parte verdadeira: cheguei atrasado

(conclusão?)

5ª feira

"Se adormeceres, chegas atrasado"

2ª parte falsa: Não cheguei atrasado

5

(conclusão?)

Ficaram os quatro a olhar para o que o Tó acabara de escrever e, passado um bocado, a Francisca perguntou:

— Qual é a tua ideia?

10

— Estamos a tentar ver o que podemos concluir em cada caso — explicou o Ari. — Repara bem. No caso da segunda-feira, é fácil ver o que acontece. O Tó tinha sido avisado de que se adormecesse chegaria atrasado. Ora na segunda-feira ele de facto adormeceu, por isso podemos concluir que chegaria atrasado. E chegou.

15

— O problema está em saber — disse o Tó — o que é que aconteceu nos outros três dias.

— Bem — disse a Lisa — na terça-feira tu não adormeceste. Mas a primeira frase só diz o que acontece se tu *de facto* adormeceres. Nesse caso, a segunda frase não tem nada a ver com a primeira e, por isso, não podemos tirar

20

qualquer conclusão.

— E *realmente* foi isso que aconteceu — disse o Tó.

Mas não lhe apeteceu dizer às raparigas que se tinha atrasado por não ter encontrado uma camisa para vestir.

25

— Está bem! Então podemos dizer que, quando a primeira frase é falsa, não se pode concluir nada.

— Nesse caso — disse a Francisca — o mesmo se pode dizer em relação à quarta-feira. Se nós apenas soubermos que alguém chegou atrasado, não podemos saber se foi por ter adormecido ou por outro motivo qualquer.

— Então podemos dizer que, quando a segunda parte é verdadeira, não se pode concluir nada — retorquiu o Tó.

— E no caso de quinta-feira? — perguntou o Ari. — Suponhamos que só sabemos que a segunda parte é falsa. Daqui podemos concluir alguma coisa
5 relativamente à primeira parte?

— Claro que podemos — disse a Francisca. — Se na quinta-feira o Tó chegou a tempo à escola, isso quer dizer que ele não adormeceu.

— E foi isso mesmo, não adormeci — disse o Tó.

— Sabes o que isso quer dizer? — perguntou o Ari. — Quer dizer que, se
10 a segunda parte é falsa, então a primeira também é.

Nesse momento ouviram a voz do professor lá do fundo da sala:

— Espantoso! Verdadeiramente espantoso!

O professor estava dentro da sala, mas eles estavam tão distraídos a escrever no quadro que nem tinham dado por ele.

15 — Querem que eu agora resuma aquilo que vocês acabaram de descobrir?
— perguntou o professor.

— Queremos — disse a Francisca, enquanto os outros faziam que sim com a cabeça.

— Bom, parece-me que vocês descobriram uma regra formidável que
20 serve para qualquer frase composta que comece pela palavra "Se". Lembrem-se sempre do seguinte: uma frase composta começada por "Se" pode ser verdadeira, mesmo que as frases simples nela contidas não o sejam. Ora bem, a regra que vocês agora descobriram permite-nos determinar o que acontece só no caso da primeira frase ser verdadeira ou da segunda ser falsa. Se soubermos
25 que a primeira frase é verdadeira, podemos concluir que a segunda também é. E se nos disserem que a segunda é falsa, podemos concluir que a primeira é falsa.

— Pode dar-nos um exemplo? — pediu a Lisa.

— Claro — respondeu o professor. — Imaginem que esta afirmação é verdadeira: "Se estivermos vacinados, não apanhamos sarampo". Agora suponham que eu lhes digo que o Ari está vacinado. Com base neste facto, o que é que vocês podem concluir?

— É fácil — disse a Lisa com um grande sorriso — que o Ari não vai apanhar sarampo.

— E agora vamos ver um caso um pouco mais difícil. Suponham que eu vos digo que uma pessoa que conheço apanhou sarampo. O que é que podemos concluir?

— Não sei — respondeu a Lisa — desisto.

— Já sei! — disse a Francisca. — Podemos concluir que a pessoa de quem está a falar não foi vacinada.

— Exactamente — concordou o professor. E virando-se para o quadro escreveu:

Considera-se verdadeira: Se ele está vacinado, não apanha sarampo.

Mas a segunda parte é falsa: Ele apanha sarampo.

20 *Logo, a primeira parte tem de ser falsa: Ele não foi vacinado*

Nesse momento foram interrompidos pela entrada do Director de Turma e da Joana, que trazia a pasta na mão.

— Onde é que a encontraste? — perguntou a Lisa.

25 — Atrás do lavatório da casa-de-banho. O Alexandre deve tê-la escondido lá, para mais tarde a ir buscar.

— Onde é que ele está? — perguntou o Director de Turma. — Alguém o viu?

— Eu não — disse o Ari.

O Tó encolheu os ombros e as duas raparigas responderam que não com a cabeça.

5 — Esperem lá — interrompeu o Ari. — Ó Joana, aonde é que encontraste a pasta?

— Lá em cima, na casa-de-banho do terceiro andar, atrás do lavatório.

— Ora bem — disse o Ari — e quando é que a viste pela última vez?

— Lembro-me de que às duas horas ainda a tinha, pois nessa altura estava o Alexandre aqui na aula a chatear-me por causa da pasta.

10 — E a que horas deste pela falta dela? — insistiu o Ari.

— Cerca das duas e quarenta e cinco, porque a essa hora lembro-me de ter olhado para o relógio.

15 — Pois é, e também me lembro doutra coisa. Eu estive aqui na aula desde as duas horas até às duas e quarenta e cinco, e recordo-me perfeitamente do Alexandre também estar na sala durante esse tempo todo. Ele nunca saiu. Por isso, se o Alexandre tivesse tirado a pasta, ela tinha de estar aqui ... Mas ela não foi encontrada na sala, por isso não foi o Alexandre que a tirou.

20 O Director de Turma olhou para o professor e este para o Director de Turma, que franziu as sobrancelhas com um ar muito sério. O professor sorriu e fez uma festa na cabeça do Ari. O Ari riu-se e baixou a cabeça.

Entretanto, o Tó escrevia no quadro:

25 *Considera-se verdadeira:* Se o Alexandre tivesse tirado a pasta, ela ainda estaria na sala às duas e quarenta e cinco.

Mas a verdade é que: Ela não estava na sala às duas e quarenta e cinco.

Logo, a primeira parte tem de ser falsa: O Alexandre não tirou a pasta.

Nesse momento a Lisa teve uma ideia.

— Sabem o que eu penso? Acho que foi o Miguel que tirou a pasta.

O Director de Turma olhou para a Lisa:

— Ó Lisa, essa acusação é muito grave. O que é que te leva a pensar que
5 foi o Miguel?

— É por causa dessa história da pasta estar escondida no lavatório. É mesmo o tipo de coisa que o Miguel faria se a tivesse roubado. Aposto em como foi ele.

— Sabes Lisa — disse o Tó — parece-me que o que tu estás a dizer é isto:
10

Considera-se verdadeira: Se o Miguel tirou a pasta, então escondeu-a atrás do lavatório.

Segunda parte é verdadeira: A pasta estava escondida atrás do lavatório.

15 E o Tó continuou:

— Mas o que é que podes concluir daí? Nada. Já tínhamos visto que, apesar da segunda parte ser verdadeira, não podemos provar que a primeira também o é. É como aquilo que me aconteceu na quarta-feira.

Nesse instante o Alexandre entrou de rompante na sala, a agarrar o Miguel
20 pelo braço.

— Agora Miguel — disse ele furioso — vais contar-lhes imediatamente o que aconteceu.

— Era só uma brincadeira, juro que era só a brincar — choramingou o Miguel. — Eu estava zangado com a Joana, porque sempre que era chamado a
25 Matemática e não sabia responder, ela dizia baixinho: "Idiota". Foi por isso que lhe tirei a pasta, mas não queria ficar com ela.

— Mas estavas na disposição de deixar que culpassem o Alexandre — disse o professor — e isso não está certo, pois não?

O Miguel abanou a cabeça, olhou para o chão, fungou e abanou a cabeça de novo.

Então o Director de Turma disse que gostaria de falar com o Miguel de novo e saíram os dois juntos.

5 — Vêem? — disse a Lisa — eu tinha razão, não tinha? Eu disse que tinha sido o Miguel e foi ele mesmo!

A Francisca e o Ari olharam um para o outro sem dizer nada, mas o Tó não conseguiu conter-se e disse:

10 — Ó Lisa, tu tinhas razão, mas chegaste a essa conclusão duma forma errada. Tiveste foi muita sorte em conseguir adivinhar, mas não foste capaz de provar nada.

A Lisa sorriu. Os seus olhos brilhavam maliciosamente.

15 — Está bem, concordo contigo. Admito que não consegui provar o que disse. Mas tive uma intuição, uma espécie de palpite. E o meu palpite estava certo. No fundo, isso é que interessa, não é?

O professor pegou na pasta para se ir embora, mas antes de sair voltou-se para a Lisa e disse-lhe:

20 — Tens razão, Lisa, tu foste muito perspicaz. E, como se viu, até acertaste. Mas se te tivesses enganado, seria mais um inocente como o Alexandre a sofrer. Não tem mal nenhum teres tentado adivinhar quem era, mas o adivinhar não substitui uma investigação cuidadosa. O que eu quero dizer é que não me agradam acusações precipitadas.

25 O Ari abanou a cabeça em sinal de concordância. A Francisca pensou para consigo que o professor tinha sido muito correcto. E foi com a Lisa para casa. Quanto ao Tó, tinha muito que escrever no seu diário.

CAPÍTULO 17

— Ó professor — chamou o Ari — depois das férias vai deixar-nos continuar a falar destas questões nas aulas de Matemática?

— Claro! Se é isso que vocês querem e se toda a turma estiver de acordo, penso que é uma boa ideia.

5 — Claro que vamos continuar — disse o Tó.

O Marcos e a Francisca também concordaram, mas a Lisa levantou o braço e o professor perguntou-lhe o que é que ela queria.

— Na minha opinião, já andámos tempo suficiente à volta destas regras sem qualquer interesse. Eu penso que devíamos dar matemática na aula de
10 Matemática e, se o Ari e o Tó quiserem continuar, podem fazê-lo sózinhos. No fundo eles são os únicos que estão interessados.

O Ari ficou tão surpreendido com o comentário da Lisa que nem conseguiu abrir a boca. O Tó achou que aquilo que ela tinha dito era tão disparatado que não valia a pena responder-lhe.

15 Por isso, foi a Francisca que acabou por dizer:

— Eu não te entendo, Lisa. Estavas tão interessada em discutir estas questões sobre o pensamento, por que é que agora estás contra?

— Sim, porquê? — perguntou o Marcos.

— Bem — começou a Lisa titubeante — não é que eu esteja *contra*. Eu só
20 me interrogo é se isto vale a pena ou se não será uma pura perda de tempo.

Ao princípio o professor pensou que a Lisa estava a brincar, mas quando percebeu que ela estava a falar a sério, perguntou-lhe:

— Tu achas que não aprendeste nada, Lisa?

A Lisa mordeu o lábio e respondeu:

— Digamos que penso que não aprendi nada que não soubesse já.

— Claro, se tu já sabias *não poderias* tê-lo aprendido agora — interrompeu Maria.

5 Lisa deitou-lhe uma olhadela rápida e disse:

— Obviamente.

O Ari continuava a tentar compreender o que se estava a passar. Nem queria acreditar que a Lisa quisesse desistir assim de repente, sem mais nem menos, só porque achava que aquilo não levava a lado nenhum. Depois tentou
10 lembrar-se se teria dito alguma coisa que a tivesse ofendido, mas não se recordava de nada, a não ser o facto do Tó e do professor a terem criticado quando ela tinha acusado o Miguel de ter tirado a pasta. O pior é que agora havia outros que começavam a dizer que concordavam com ela.

O Ari sabia que, se não dissesse qualquer coisa naquele momento, o projecto iria todo por água abaixo. Não haveria mais discussões na aula sobre as
15 ideias, sobre o pensamento ou sobre aquilo que é ou não é importante, todas aquelas coisas de que ele tinha gostado tanto de falar nos últimos meses. Sentiu que estavam todos a olhar para ele e, por isso levantou o braço, apesar de não saber lá muito bem o que ia dizer. Não conseguiu olhar para os outros,
20 mas virou-se para o professor e disse:

— Eu penso que a Lisa tem uma certa razão, professor. Eu acho que as pessoas são diferentes e compreendem as coisas de maneiras diferentes. Uma coisa que parece muito fácil à Lisa pode não me parecer a mim e, por isso, enquanto eu vou à procura e tento descobrir, a Lisa acha que não precisa porque já sabe. É isto que eu penso.
25

O Ari gostaria de ter conseguido dizer uma coisa mais inteligente e ficou um pouco desiludido consigo próprio. Sentia que, de alguma forma, ele também tinha desapontado os amigos, como o Marcos, o Tó e a Francisca. E, em-

bora soubesse que não podia contar com a ajuda deles, sabia que os outros contavam com ele.

De repente, o Miguel comentou:

— Eu não sei o que os outros pensam, mas eu acho que aprendi qualquer
5 coisa. Por exemplo, aprendi que há frases que contradizem outras, coisa que nunca nos ensinaram antes no Português.

A Laura então disse:

— Eu ainda me lembro de que não podemos inverter uma frase que comece pela palavra "Todos", como aconteceu no outro dia quando o Rodolfo me
10 disse: "Todas as raparigas são queixinhas". Nessa altura eu respondi-lhe: "Tu até podes ter razão, mas isso não quer dizer que todos os queixinhas são raparigas, porque eu conheço pelo menos uma que não é".

Todos se riram, até o Rodolfo.

A Lisa pôs o dedo no ar, mas o Tó disse-lhe logo muito depressa:

15 — Lisa, é melhor estares calada.

O professor olhou para o Tó com ar carrancudo e depois voltou-se para a Lisa e disse-lhe para ela falar.

— Eu tenho estado a pensar no que o Ari disse. Ele diz que cada um de nós pensa de forma diferente e é capaz de ter razão. A minha mãe diz que eu
20 tiro sempre conclusões precipitadas e, se calhar, foi isso que aconteceu agora. De qualquer maneira, eu não queria dizer que não devíamos conversar sobre aquilo que consideramos ser realmente importante.

— Estou muito satisfeito por ver que admities isso — disse o Tó sarcasticamente. — Porque tu sabes muito bem que a verdade é sempre a verdade e,
25 se é sempre bom descobri-la, então temos de a procurar.

— A verdade é sempre a verdade — retorquiu friamente a Lisa. — E agora a seguir o que é que vais dizer? Que as vacas são vacas? Ou que dois é igual a dois?

O professor ia bater na mesa para impor a ordem, quando o Ari fez sinal que queria falar.

— Reparem numa coisa. O Tó e a Lisa não estão em desacordo sobre o que é ou não verdadeiro. O que acontece é que, enquanto o Tó está habituado a descobrir as coisas degrau a degrau, segundo as regras, como se faz em matemática, a Lisa vê as coisas muito mais depressa. Ela tem um palpite ou qualquer coisa desse género e a resposta vem logo. No fundo, eles têm formas diferentes de descobrir as coisas.

— Isso não prova que o método dele seja melhor do que o meu — disse a Lisa.

— Mas ele pode mostrar como é que chegou àquela conclusão e tu não — retorquiu o Ari.

— Por que é que dizes isso? — perguntou a Lisa.

Nesse momento, o professor deu um murro na mesa e calaram-se todos, mas depois a Francisca disse:

— A mim parece-me que o Tó e a Lisa têm ambos razão. Eu não sei bem como hei-de explicar porque nunca tinha pensado nisto antes mas, enquanto os ouvia estava precisamente a pensar que estamos todos aqui nesta sala e que ela é a mesma para todos e, no entanto ... — e a Francisca hesitou — ... bom, não sei ...

— Continua, Francisca — disse o professor — o que é que tu ias dizer?

— Eu não sei como hei-de explicar. Eu estou aqui sentada ao fundo da sala e o professor está aí à frente. O professor vê caras, mas eu só vejo a parte de trás da cabeça das pessoas.

— E eu estou aqui de lado — acrescentou a Ana — e vejo toda a gente de lado. Vejo as caras todas de perfil.

— Era isso mesmo que eu queria dizer — respondeu a Francisca. — Nós estamos a olhar exactamente para as mesmas pessoas que estão precisamente na mesma sala e, no entanto, aquilo que vemos é completamente diferente.

— O que tu queres dizer — atalhou a Ana — é que, apesar de todos pertencermos ao mesmo mundo, cada um vê as coisas de forma muito diferente. 5 Eu penso que isso é mesmo assim, porque às vezes na aula de Desenho eu e a Laura resolvemos desenhar a mesma natureza morta e, no entanto, o desenho dela fica muito diferente do meu. Acho que a Francisca tem razão, cada um de nós tem o seu próprio mundo que é diferente do das outras pessoas.

10 Então o Ari começou a fazer sinal com a mão, até que o professor se virou para ele e lhe disse para falar.

— Ó Ana, penso que tu não interpretaste bem o que a Francisca disse, quer dizer, eu acho que não era isso que ela queria dizer. Claro que lá do fundo ela vê uma sala cheia de gente de costas viradas para ela, enquanto o 15 professor vê caras. Mas o mais importante é que se ela for lá para a frente, passa também a ver só caras e, se o professor for lá para trás, passa a ver pessoas de costas.

— Ó Ari — disse a Lisa — o que tu queres dizer é que nós devíamos tentar ver as coisas do ponto de vista das outras pessoas?

20 — Penso que é isso.

— Bom — exclamou a Lisa com os olhos a brilhar — então por que é que ninguém tenta compreender o *meu* ponto de vista? Eu apenas discordei de ti. Não sei por que é que começaram todos a dizer que eu copiava na aula, que era queixinhas e outras coisas.

25 — Lisa — disse o professor — creio que ninguém te chamou nomes ou te acusou de ter copiado. O problema é que tu nunca nos explicaste de facto de que é que discordavas. Eu gostava que tentasses mais uma vez. Nós gostáva-

mos de poder ver as coisas do teu ponto de vista, mas tu ainda não disseste qual é.

— Acho que não sou capaz — respondeu ela, tentando manter a voz calma, mas sem conseguir.

5 — Então diz lá o que te fez começar a pensar assim — insistiu o professor. — Foi alguma coisa que dissemos aqui na aula?

A Lisa abanou a cabeça.

10 — Não, não foi nada que tivessem dito aqui, foi uma coisa que o meu pai me disse. Quer dizer, não foi bem o que ele me disse, mas uma coisa que ele me leu.

— Quando? — perguntou o professor.

15 — Há cerca de uma semana — respondeu a Lisa. — Eu tinha-lhe contado que estávamos a estudar a mente e que andávamos a tentar descobrir como é que ela funciona e ele ficou muito interessado. E foi buscar um livro que o tenho visto a ler muitas vezes. É um livro de poesia e o poema que ele me leu é sobre a mente, mas eu não entendi nada. Começa de uma forma muito bonita: "A mente é uma coisa fascinante" ou qualquer coisa assim, mas o resto escapou-me. Depois leu-me outro também muito difícil, mas pareceu-me fazer mais sentido. Dizia que os pensamentos na nossa cabeça se assemelham a morcegos numa caverna, em que as ideias voam às cegas sem conseguir escapar. Mas na última linha o poema dizia que, de vez em quando, "Um erro subtil corrige a caverna".

— O que é que *isso* significa? — perguntou a Mila.

25 — Foi o que eu perguntei ao meu pai e ele explicou-me que uma coisa que parece errada pode mais tarde vir a mostrar-se verdadeira, mas isso só acontece se todo o nosso conhecimento for modificado. Por exemplo, o Cristóvão Colombo. Toda a gente dizia que o mundo era plano e que se ele continuasse a

navegar acabaria por cair. Pensavam que ele estava a cometer um erro, mas depois compreenderam que, se o mundo fosse redondo, não havia engano nenhum.

— O que tu queres dizer — perguntou o Tó — é que, em vez de aprendermos a pensar correctamente, devíamos era aprender a fazer erros imaginativos?

— Eu estava a dizer — disse a Lisa — que devemos manter um espírito aberto e não pensar que sabemos tudo, só porque descobrimos umas quantas regras de pensamento.

10 A Lisa deitou uma olhadela ao Tó e depois ao Ari.

— Eu até gostava de continuar com isto, realmente gostava. Divertimo-nos imenso. E parece que influencia o modo como falamos. Mas parece-me que não conta quando estamos a imaginar, ou quando sentimos as coisas, ou quando sonhamos ...

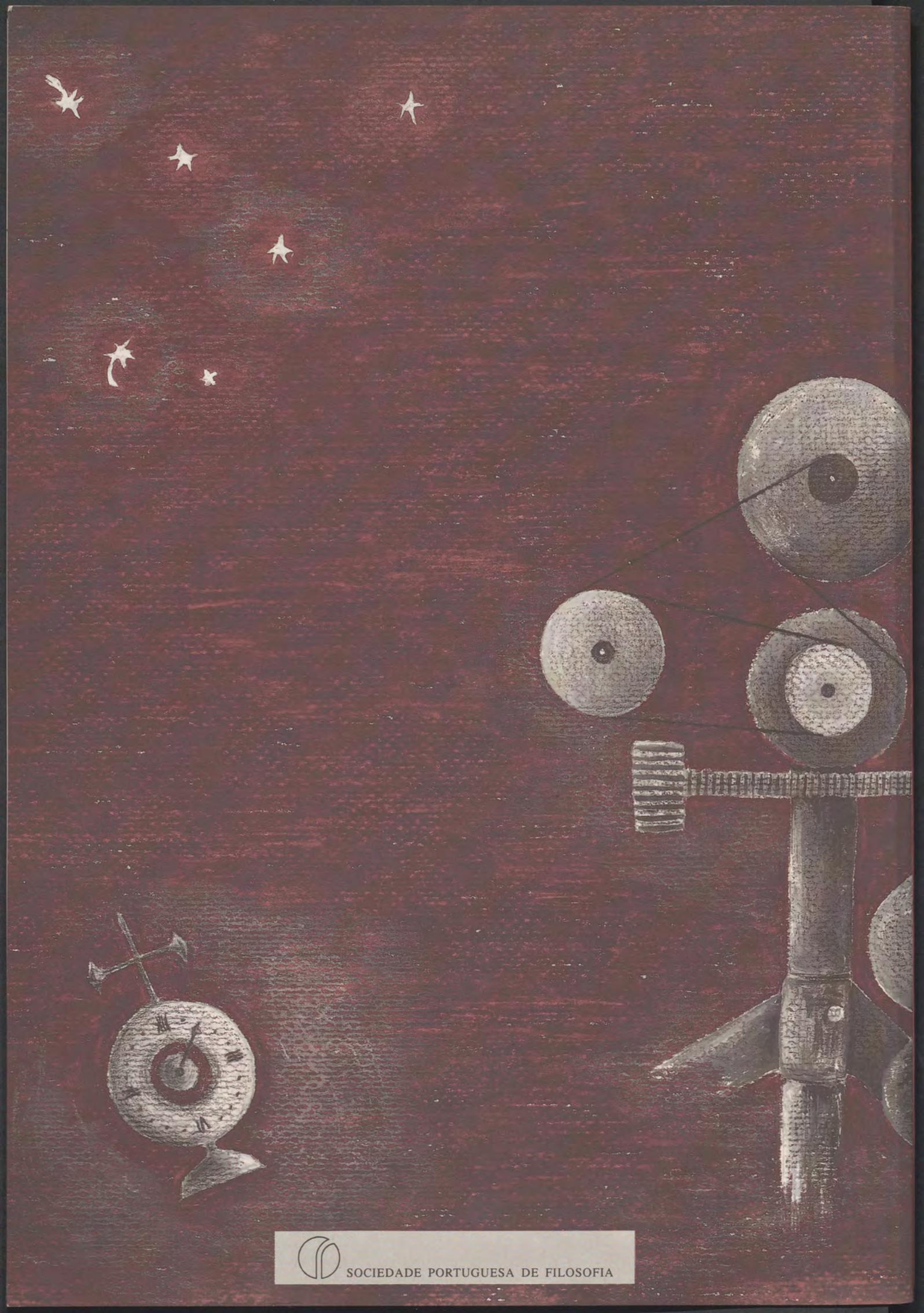
15 A Lisa ia a dizer mais qualquer coisa mas a campainha começou a tocar. A aula tinha chegado ao fim.

O Marcos e a Maria foram juntos para casa, a Lisa e a Francisca saíram juntas a falar sobre quem tinha razão e quem não tinha. O Guilherme foi sozinho, mas disse adeus ao Ari quando o viu e o Ari também lhe acenou. Por fim, o Ari e o Tó lá foram os dois, enquanto a Laura, que os observava, ia ficando para trás. Finalmente saíram a Ana e a Suki, até que a sala ficou sem ninguém, à excepção do professor que estava à secretária, imóvel, na sala vazia.

Então repetiu para si próprio: "Por vezes um erro subtil corrige a caverna". Aquilo tinha-lhe soado bem, gostava da ideia. Repetiu a frase dizendo para si mesmo: "Por vezes um erro subtil corrige a caverna". Sorriu, arrumou a pasta e fechou cuidadosamente a porta da sala. Desceu os degraus a dois e dois, saindo pela porta principal, para espanto do porteiro que à entrada o observava pela porta de vidro e o ficou a ver desaparecer rapidamente pela rua abaixo.

Lisboa, Março de 1994

Colibri - Artes Gráficas
Faculdade de Letras
Alameda da Universidade
1699 Lisboa Codex
Telef. 796 40 38



SOCIEDADE PORTUGUESA DE FILOSOFIA